

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fernanda Maisa Soares Dos Santos Pinho

**A HIPERMÍDIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA: UMA ABORDAGEM TRANSCULTURAL**

**Sorocaba/SP
2013**

Fernanda Maisa Soares Dos Santos Pinho

**A HIPERMÍDIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA: UMA ABORDAGEM TRANSCULTURAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

**Sorocaba/SP
2013**

Fernanda Maisa Soares Dos Santos Pinho

**A HIPERMÍDIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA: UMA ABORDAGEM TRANSCULTURAL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA:

Pres.: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Universidade de Sorocaba

1º Exam.: Profª. Dra. Maria Lúcia Amorim Soares
Universidade de Sorocaba

2º Exam.: Prof. Dr. Wilton Garcia Sobrinho
Universidade de Sorocaba

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte dessa conquista, especialmente a Pedro, Cauã, Lucas e Wande. Sem vocês essa jornada não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou durante todo este tempo para que mais um sonho se concretizasse em minha vida; a Ele dou graças por ter me iluminado neste longo caminho. Em segundo lugar a meu marido, Wande, que abdicou de ter ao seu lado sua esposa, amiga e companheira, e nos finais de semana esteve ao lado de Pedro, Cauã e Lucas, os quais, por muito tempo, não puderam usufruir do meu pleno cuidado materno; a eles meu imenso agradecimento, pois me apoiaram e entenderam — cada um ao seu modo — o quão importante era mais esta etapa para nossas vidas. Agradeço também a meus familiares, dos quais tanto me distanciei nas incansáveis horas de pesquisa. À minha amiga Sandra, pelas leituras fora de hora. Ao corpo docente do curso de mestrado pelos ensinamentos. E por último, mas não menos que os outros, agradeço à pessoa que acreditou que este trabalho era possível. A ele, meu imenso carinho, que só aumenta com o passar dos anos. Obrigada, *teacher* Luiz Fernando.

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (ROSÁLIA DUARTE, 2002)

RESUMO

A presente pesquisa busca refletir sobre as necessidades comunicativas da atualidade e a relevância de uma abordagem transcultural por meio de hipermídia no ensino de língua Inglesa. Preocupado com essa questão, o estudo parte do pressuposto de que as Tecnologias Emergentes encurtam as distâncias, diluem as fronteiras culturais, aproximam as pessoas e modificam as maneiras de se comunicar, ser e estar no mundo. Assim, a presente pesquisa enfoca como a Língua, neste caso a Inglesa, assume novas dimensões, antes apenas imaginadas ou teorizadas, como língua franca e “universal”. O objetivo deste estudo é investigar como um grupo de 40 alunos do Ensino Médio de uma Escola Técnica Estadual do município de Sorocaba, aprendizes de Língua Inglesa e usuários-interatores das Tecnologias Emergentes, utilizam as diversas linguagens da hipermídia para expressar seus pensamentos, e como os recursos do meio digital potencializam a interação entre diferentes culturas através de uma abordagem de ensino de inglês transcultural. Para desenvolver esta pesquisa foi realizado um estudo de caso. Foi criado um plano de aula baseado no programa da *Adobe Youth Voices*, em que os alunos aprenderam como utilizar as linguagens da hipermídia (áudio, imagens e texto), técnicas para manuseio de câmera e produção de vídeos de curta duração utilizando os conteúdos de Língua Inglesa ensinados em sala de aula. Um ambiente virtual (*website*) foi criado para armazenar as produções de hipermídia. Um grupo de alunos da cidade de Jinja, em Uganda, foi convidado a interagir, e comentar os trabalhos produzidos pelos alunos. Os resultados obtidos indicam que o uso de hipermídia por meio de uma abordagem transcultural pode contribuir positivamente no ensino de Inglês, bem como possibilitar a comunicação entre diferentes culturas por meio das múltiplas linguagens. Evidenciam também a relevância dessa abordagem para o uso comunicativo atual da Língua Inglesa, permeada pelos audiovisuais que refletem a cultura Brasileira, mas que também têm influência de outras culturas e assim chegam até os interlocutores num constante processo de resignificação e informação.

Palavras-chave: Mundo contemporâneo. Linguagem e tecnologia. Ensino de Língua Inglesa. Hipermídia. Transculturalismo.

ABSTRACT

This research seeks to reflect the current communicative needs and the relevance of a transcultural approach through hypermedia in teaching the English Language. Concerned with this issue, the study assumes that the Emerging Technologies shorten distances, dilute cultural boundaries, bring people together and modify the ways of communicating and being in the world. Thus, this research focuses on how the language, particularly the English language, takes new dimensions, previously just imagined or theorized, as lingua franca and “universal”. The aim of this study is to investigate how high school students from a Public Technical school in the city of Sorocaba/SP, English language learners and users-interactors of Emerging Technologies, use the various hypermedia languages to express their thoughts, and how the features of the digital field potentialize the interaction between different cultures through a Transcultural English teaching approach. To develop this research a case study was carried out. A lesson plan was created based on the Adobe Youth Voices program, through which students learned how to use the languages of hypermedia (audio, images and text), techniques for handling the camera and produce short videos using the English language contents taught in the classroom. A virtual environment (website) was created to store the hypermedia production. A student group from Jinja, Uganda, was invited to interact and comment the work produced by Brazilian students. The results indicate that the use of hypermedia through a transcultural approach can contribute positively to the teaching of English, while enabling communication between different cultures through multiple languages. Results also highlight the relevance of this approach to the current communication use of English, permeated by audiovisual, reflecting the Brazilian culture, but also the influence of other cultures, reaching the interlocutors in a constant process of reframing and information.

Keywords: Contemporary world. Language and technology. English Language Teaching. Hypermedia. Transculturalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA “ENTRE O NÃO AINDA E O JÁ PASSOU”	16
2.1	O Cotidiano Escolar	19
2.2	Mídia, Multi, Hiper ou Trans, de Qual Mídia Estamos Falando?	21
2.2.1	Mídia.....	22
2.2.2	Multimídia na Mídia?	23
2.2.3	A era dos hipers: o mundo do hipertexto.....	23
2.2.4	Hipertextos multimodais	25
2.2.5	A hipermídia.....	26
2.3	A hipermídia no cotidiano escolar	29
2.4	Colaborações de um sistema hipermidiático na aprendizagem de uma Língua Adicional	30
2.5	Diversas mídias utilizadas no ensino de L.A	32
3	CULTURA DIGITAL, COMUNIDADES VIRTUAIS, INTERAÇÃO E TRANSCULTURALIDADE	40
3.1	Cultura Digital e Midiática	44
3.2	Comunidades versus Redes	47
3.3	Participar versus Interagir	51
3.4	A Interação na hipermídia	54
3.5	Transculturalismo	56
4	METODOLOGIA	59
4.1	A escolha metodológica	59
4.2	Contexto da Pesquisa	60
4.3	Procedimentos para a coleta de dados	61
4.3.1	Instrumentos de coleta de dados.....	61
4.4	Coleta de dados: plano efetivado	65
4.4.1	Definição dos instrumentos para a Coleta de Dados.....	66
4.5	Procedimentos para Análise de Dados	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA PRODUÇÃO DE HIPERMÍDIA	86

1 INTRODUÇÃO

Sou professora de Língua Inglesa nos cursos de Ensino Médio, Inglês Instrumental e Inglês Técnico desde 2010 nas Escolas Técnicas Estaduais (ETEC) de Votorantim e Sorocaba. Concluí minha graduação em Letras-Inglês no ano de 2008, quando cursei algumas disciplinas relacionadas ao uso de tecnologias para as aulas de Inglês, como por exemplo, a disciplina de “Didática para Multimídia”, que despertou minha atenção para o uso das T.E. (Tecnologias Emergentes) em sala de aula. Desde então, comecei a introduzir em minhas aulas de Inglês atividades que envolvessem o uso de Internet e multimídia.

As primeiras atividades envolvendo tecnologias e multimídia foram desenvolvidas em um *blog*¹ ([teacherfernandamaisa@blogspot.com](http://teacherfernandamaisa.blogspot.com)), o qual tinha por finalidade a postagem de atividades complementares do material já ensinado em sala de aula, a fim de que os alunos o acessassem frequentemente, realizassem as tarefas propostas e interagissem e/ou colaborassem uns com os outros, postando comentários sobre os conteúdos disponibilizados. No entanto, no decorrer do tempo, pude constatar que, embora as aulas no *blog* fossem preparadas com vistas ao aprendizado dos alunos e a professora tivesse o conhecimento necessário das ferramentas disponíveis na *web*², havia certa resistência por parte de alguns alunos ao processo proposto, e nem sempre o resultado daqueles que participavam do *blog* era satisfatório no que concerne ao objetivo central da proposta, a qual visava à interação entre os alunos e acesso frequente dos alunos ao blog. Muitos somente realizavam as atividades solicitadas, e depois de concluídas não visitavam e/ou utilizavam o *blog* para comentar e/ou interagir com os amigos de sala. Além disso, também foi possível constatar que a ferramenta de hospedagem escolhida para postar os conteúdos, o *blog*, tinha certas limitações, as quais talvez não correspondessem às necessidades e ou não motivassem os alunos a acessar e interagir online. A postagem de conteúdo, por exemplo, era sempre

¹ Blog é um site cuja estrutura permite, de forma simples e direta, o registro cronológico, frequente e imediato de opiniões, emoções, imagens, fatos, ou qualquer outro tipo de conteúdo.

² Web é uma palavra de origem inglesa que significa teia ou rede. Com o surgimento da Internet a web passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (www).

sequencial/vertical, assim, se houvesse trinta postagens e o aluno quisesse buscar a primeira delas para visualizar ou mesmo colaborar com a postagem do outro aluno, teria que, primeiramente, passar por todas as postagens em uma ordem sequencial desde as mais recentes, o que vai na contramão da ideia original do hipertexto³.

No mesmo período em que ocorreram as atividades realizadas no *blog*, pude observar que as propostas que envolvessem o uso de hipermídia eram aceitas pelos alunos, como por exemplo, uma atividade na qual eles realizaram uma paródia, produzindo um videoclipe de uma banda ou um cantor, em inglês.

Em busca de mais conhecimento sobre o assunto, decidi realizar esta pesquisa, pois percebi que um ambiente diferenciado da sala de aula poderia motivar os alunos a usarem os recursos da Internet, e com a crescente adesão deles às redes sociais e a *sites* com recursos hipermidiáticos, como o Youtube e o Facebook, que têm modificado as maneiras de se comunicar, de ser e estar no mundo, mudando a percepção das pessoas. Assim, essas mudanças de hábitos vêm para auxiliar os jovens a expressar melhor suas ideias, criando representações que antes não eram possíveis com o uso de outras mídias, pois a hipermídia agrega em si várias linguagens.

Diante desse novo cenário, um estudo sobre hipermídia se torna tópico importante para repensar as possibilidades de inserir mídias digitais no cotidiano escolar. Neste sentido, Ponte (2000, p. 74-75) destaca que as T.E. não representam a alvorada de um novo mundo sem problemas, mas são “geradoras de novos problemas na educação”; sendo assim, acredito que com este estudo seja possível repensar novas práticas na escola, o que pode ser um fator agregador, mas que também é cercado de inúmeros desafios, podendo provocar uma tensão relativa à inserção do “novo” na escola.

Ainda no que concerne às rápidas mudanças, é interessante destacar o uso da Língua Inglesa (LI), a qual a partir dos anos 1940 tem se expandido em velocidade impressionante, conforme afirma Schmitz (2011, p. 499): “não há dúvida de que o Inglês cresceu em importância no mundo como rescaldo da Segunda Guerra Mundial”⁴; tanto cresceu em importância que ocupa hoje a posição de Língua

³ Hipertexto é o local e resultado da interação ativa, exclusivamente virtual, com presença de links, não linear e aberto a novas interpretações e versões.

⁴ A tradução desta passagem foi realizada pela pesquisadora, assim como as demais traduções que podem ser encontradas ao longo deste estudo.

Franca, ou seja, é a língua mais usada para acordos comerciais, viagens, Internet, livros, etc. O inglês também se tornou o idioma mais utilizado como segunda língua no mundo, superando em mais da metade o número de falantes nativos de LI. Em razão disso, a aprendizagem de Inglês se tornou essencial no mundo contemporâneo para todos aqueles que buscam uma boa colocação profissional, comunicação com pessoas de outras nacionalidades, etc. Um exemplo é o Brasil, que tem planos de sediar eventos internacionais; sendo assim, falar inglês nesses momentos é imprescindível. Viney (2003, p. 55) aponta uma situação real que será crucial no futuro próximo. O autor assevera: “uma hipótese é que o número de pessoas que conseguem utilizar bem o Inglês vai continuar a aumentar, chegando a mais da metade da população mundial até 2050”.

Como professora de escola de idiomas, consigo visualizar o aumento desse número, pois cada vez mais pessoas buscam cursos de L.I para poder agregar ao currículo, devido a funções que exigem esse conhecimento como requisito mínimo. Parece que saber Inglês nunca foi tão importante quanto no momento.

Ora, com base no que foi apresentado sobre a importância do uso atual de L.I., outra questão importante a ser considerada é a visão atual do ensino de uma Língua Adicional (L.A.), a qual tem se modificado ao longo do tempo, mesmo que aos poucos. O estado de São Paulo já tem observado a importância da L.I na formação dos alunos, por isso, as escolas Estaduais e Técnicas Estaduais, vêm investindo na formação de seus professores, oferecendo cursos em países de Língua Inglesa a fim de que os professores dominem e desenvolvam melhor sua prática em sala de aula. No passado, conforme será detalhado no subcapítulo 2.5., o ensino de uma L.A. era baseado em regras e metodologias que não produziam resultado que complementassem as quatro habilidades (ler, escrever, ouvir, falar) dentro de situações reais de comunicação, ou seja, o aprendizado de línguas era centrado em seu “aprisionamento”, sendo pautado na fragmentação da aprendizagem em unidades isoladas de conhecimento linguístico. No entanto, é de conhecimento comum que a Língua é uma forma de linguagem, e que essa existe para que as pessoas se comuniquem com seus pares, em busca de maior compreensão de mundo, de cultura e mesmo para que elas se conheçam melhor como indivíduos. Nesse sentido, citando Lacoste e Kanavilill (2005), Schmitz (2011) acredita que historicamente as pessoas cometeram um grande erro ao pensar que o

ensino de línguas somente dependia do conhecimento. Em face desse argumento, são passíveis questionamentos acerca do ensino de uma L.A. nos dias atuais. Neste estudo, específico sobre o ensino de L.I., questionamos se esse tem ido além do conhecimento estrutural da língua.

Se partirmos do princípio de que um dos propósitos da educação é oferecer oportunidades de aprendizagem para que todos possam participar efetivamente da vida pública, social e econômica, um estudo sobre o ensino de L.I., potencializado pela utilização de hipermídia em uma abordagem cultural, assume papel de destaque nessa missão; a abordagem transcultural visa a uma situação de troca de informação, de forma que os indivíduos envolvidos agregam uma visão mais global de si mesmos no mundo, com vistas à identidade, leitura de mundo e redução de preconceitos, o que ocorre neste projeto por meio de um trabalho colaborativo com alunos de Uganda. Se partirmos do pressuposto que os signos sempre foram multimodais e que agora podem ser hipermidiáticos, é relevante que os professores estejam preparados para entender, compreender e utilizar com propriedade a hipermídia. Vale ressaltar que a presença das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) ou T.E. (Tecnologias Emergentes⁵) vem aumentando a cada dia. Existem atualmente políticas públicas que querem até mesmo implementar programas educacionais com acesso à Internet por meio de compra de *tablets*⁶ e outros dispositivos móveis. Diante deste cenário contemporâneo, os professores se encontram frente a um grande desafio: precisam reestruturar seus conhecimentos pedagógicos para compreenderem para que, o que e de que forma utilizar os recursos das T.E. em sala de aula. Assim, o profissional de ensino de L.A., além de possuir as diversas habilidades e competências necessárias para desenvolver uma prática pedagógica voltada para os processos de ensinar e aprender línguas, devem também proporcionar aos alunos um aprendizado que os conduza a uma formação plena, sem metodologias fictícias, às quais os alunos não atribuem sentido.

Tendo em vista as constantes mudanças de hábitos no presente século, marcadas pelo uso das T.E., as culturas também têm se modificado, pois são

⁵ Tecnologias Emergentes é um termo mais atual, razão pela qual optou-se por utilizá-lo neste estudo.

⁶ *Tablet* é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos.

dinâmicas, logo, estudar o que é cultura e suas ramificações contribui para o entendimento dos processos das transformações atuais.

Assim, este estudo utiliza uma abordagem transcultural, que pode ser entendida como o encontro de duas ou mais culturas distintas, as quais se entrelaçam e resultam em mudanças para as culturas envolvidas e auxilia os envolvidos na comunicação a (re)significar o mundo a sua volta. Essa comunicação é potencializada por intermédio das hipermídias e do uso das várias linguagens a elas agregadas.

Em 2011 participei do Projeto Internacional de Letramento Digital Online, da *Adobe Youth Voices*, que tinha por objetivo reunir professores de Inglês de diversas partes do mundo, os quais foram divididos em grupos mistos, como por exemplo, 10 participantes de países diferentes para desenvolver um trabalho colaborativo de troca de experiência de ensino e aprendizagem. Nesse programa, os professores puderam aprender a desenvolver e usar a leitura de imagens e vídeos, para que num segundo momento pudessem compartilhar esses saberes com alunos.

Foi nesse programa que, como pesquisadora, tive contato com o uso de hipermídia no ensino de L.I. A proposta visava ao trabalho com hipermídias, por meio de produção de vídeos e, posteriormente, a troca de experiências de aprendizagem através de uma interação entre os docentes participantes. Inspirado pelo projeto e pelas indagações já mencionadas, este estudo conta com uma comunidade virtual, uma plataforma virtual onde aprendizes de Língua Inglesa podem usar seus conhecimentos de Inglês em uma situação de aprendizado cultural. O projeto por mim desenvolvido será mais bem explicado no subcapítulo que trata da metodologia deste estudo.

Como já mencionado, as mídias digitais foram escolhidas como ferramenta para esta pesquisa, pois envolvem imagens e sons, ou seja, textos multimodais, que possibilitam a interação de maneira diferenciada, dessa forma, podem ser produzidas contendo as quatro habilidades da Língua Inglesa (fala, escuta, leitura e escrita), ou mesmo um *mix* dessas habilidades, ou seja, um hipertexto multimodal. A escolha de mídias digitais se deve à sua praticidade e crescente adesão por parte dos jovens, pois é notório hoje em dia o hábito de tirar fotos e filmar tudo e qualquer coisa. Assim como no passado os jovens costumavam escrever em sua agenda e narrar os acontecimentos diários, hoje o papel cedeu lugar à imagem, e a câmera

realiza essa função de recordar momentos mais ou menos importantes, com uma grande diferença: o diário era guardado em segredo, e hoje há uma necessidade imensa de se expor tudo aquilo que é registrado.

Desta forma, percebo que a Internet tem se constituído lugar para construção de significados multimodais e tem se mostrado um ambiente muito utilizado pelos jovens, por consequência, importante para desenvolver o estudo em questão. Assim, realizei um projeto de L.I por meio de hipermídia, sendo inicialmente baseado no programa *Youthvoices* e na busca bibliográfica (livros, artigos, resenhas, periódicos, entre outros) para responder as seguintes questões:

- ✓ Como utilizar o meio digital / hipermídias para desenvolver uma proposta de ensino de Língua Inglesa transcultural?
- ✓ O que muda em relação às outras abordagens de L.A.?

Para responder a essas perguntas foi elaborado um projeto de ensino de L.I, o qual contou com a participação de 40 alunos de uma sala do terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Técnica Estadual da cidade de Sorocaba/SP. Esse projeto foi desenvolvido com base no programa da *Adobe Youth Voices*; os alunos foram estimulados a trazer temas sociais e abstratos para serem discutidos em sala de aula; questões orientadoras também foram propostas e mediadas pela professora-pesquisadora. Na sequência, os alunos assistiram a vídeos já realizados por alunos de outros países, e realizaram discussões entre seus pares acerca da técnica e linguagem presentes nos materiais apresentados. Depois, durante as aulas, os alunos receberam o material do conteúdo que estava sendo trabalhado: um roteiro para produção de hipermídias. Após análises e discussões escritas e verbais, eles realizaram a pré-produção, produção e pós-produção de vídeos mediados pela professora-pesquisadora. Na sequência, foi criada pela professora-pesquisadora uma página na *web* (fernandamaisa.wix.com/transculturallearn), como suporte para o projeto, onde também foram postadas as produções de hipermídias dos alunos.

Quando participei do curso da *Adobe Youth Voices*, em 2011, tive dois mediadores do grupo, um deles, Chole, professor e educador global licenciado pela *Adobe Youth Voices* de Uganda, o qual atendeu ao meu convite para participar com seus alunos desse trabalho. Os vídeos postados no *site* pelos alunos do Brasil serão comentados pelos alunos de Chole, de Uganda. Os alunos utilizam os conteúdos

linguísticos ensinados nas aulas de Inglês para realizar seus vídeos, assim como para se comunicar com os alunos de Uganda e compartilhar, perguntar, responder e colaborar uns com os outros em uma abordagem cultural, de modo que, cada vez que eles tiverem contato com outras leituras de mundo, possam voltar diferentes para as discussões a fim de construir e desconstruir suas pré-concepções. A abordagem cultural por meio da hipermídia permite que eles façam uso de várias linguagens para se comunicar com seus interlocutores, como também significar e resignificar seus papéis no mundo.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos principais, além da Introdução (1), as quais reúnem uma busca bibliográfica, composta por tópicos pertinentes à pesquisa como: sociedade contemporânea, o que é hipermídia, metodologias utilizadas no ensino de Línguas, cultura digital e o que são mídias em suas mais diversas ramificações e metodologia.

No primeiro capítulo (2), destaco o contexto social da pesquisa e o estudo dos conceitos utilizados para compreender a sociedade contemporânea. Para tanto, referências como Lipovestsky (2005) e Agamben (2009) são essenciais para ajudar a entender as necessidades da sociedade. Para discutir o que levou à integração das Novas Tecnologias da Informação ao presente cotidiano, Pertanella (2008) e Santos (2009) também são autores utilizados.

No segundo capítulo (3), apresento alguns conceitos de mídias, mídias digitais, multimídias, hipertexto, hipermídia, etc., entre outros termos utilizados para este trabalho, com visões de diferentes áreas de conhecimento como a Linguística, com Gomes (2010) e a Comunicação, com Machado (1997) e Santaella (2007), acerca do mesmo conceito.

O terceiro capítulo (4) aborda algumas discussões acerca da mudança de cultura; questão importante para melhor visualização das mudanças ocorridas na atualidade. As organizações contemporâneas assim se constituem devido a mudanças culturais; as comunidades e redes refletem essas modificações, e as interações e/ou participações estão nelas englobadas.

Após as buscas bibliográficas, o quarto capítulo (5) se destina à metodologia aplicada para a pesquisa de campo e suas análises.

Por último, nas considerações finais (6), apresento os resultados do trabalho até o presente momento.

2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA “ENTRE O NÃO AINDA E O JÁ PASSOU”

“Entre o não ainda e o já passou” (AGAMBEM, 2009) é uma das definições da sociedade contemporânea que mais me chamam a atenção. Tento reunir neste capítulo visões da atual sociedade, que se caracteriza pela fragmentação da verdade e consumo exacerbado de tudo. Assim, o estudo da sociedade contemporânea é essencial para ambientar o leitor deste estudo.

No atual contexto do século XXI, as mudanças são totalmente radicais e acontecem como que na velocidade da luz. Por vezes, os indivíduos ficam sem um referencial, um norte, encontram-se perdidas; então, buscam uma firmeza, algo sólido em que se apoiar e, quando se aprofundam nessa busca, descobrem que não existe um porto seguro.

Com vistas para esse cenário, o sociólogo Polonês Zygmunt Bauman (2001) descreve as transformações sociais ocorridas na sociedade. Trazendo um conceito de “modernidade líquida”. Bauman faz críticas às fragmentações e destaca a “liquidez” como característica da sociedade atual que possui um mundo repleto de oportunidades, uma mais atraente que a outra, e que se baseia no consumo e gasto, ou seja, uma sociedade consumista que não está mais interessada em quem você é, e sim no que você tem. Lipovetsky, em seu livro A felicidade paradoxal (2007), afirma que a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. O mesmo autor, em A Era do Vazio, afirma:

Na era do espetacular, as antinomias duras, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o real e o ilusório, o sentido e o não sentido esmaecem, os antagonismos se tornam flutuantes e começam a compreender, sem ofender nossos metafísicos, que hoje em dia é possível viver sem finalidade e sentido, sequências instantâneas. (LIPOVESTSKY, 2005, p. 21)

O autor critica a necessidade do “sentido existencial”, e compara a sociedade a “Narciso” – personagem mitológico que é conhecido pela obsessão à sua vaidade e ressalta que a sociedade agora é narcisista e hedonista, ou seja, só se preocupa com suas necessidades individuais.

Para a sociedade então contemporânea, denominada individualista, líquida, consumista e do culto ao “eu”, o ensino e aprendizagem de uma L.A. é algo necessário, tanto dentro quanto fora da escola, pois é importante conquistar uma

vaga de emprego, comunicar-se com pessoas ao redor do mundo, jogar jogos *online* com pessoas que nunca se conheceu antes, participar de *chats* ou comunidades internacionais... Para todas essas situações, o Inglês é a língua de comunicação global, considerada como Língua Franca⁷, ou seja, a L.I. é um instrumento de comunicação. Em contraste com a visão da sociedade contemporânea citada acima, a língua é muito mais que um acordo, afirma Gomes (2010), ao ressaltar que a língua representa um elemento vivo da cultura de cada um.

Como explanado, é notável o destaque que concerne à compreensão da L.I. Além disso, o aprendizado da L.I. tem alcançado novos olhares, pois aprender L.I. ou L.A. não é simplesmente entender um conjunto de regras gramaticais e uma lista de vocabulário a ser memorizada, a linguagem transcende essas concepções.

Celani (2009) aponta uma importante questão. Para ela, é fundamental que o aluno entenda e valorize o aprendizado de uma segunda língua e que compreenda a real importância de aprendê-la para entender diferentes culturas e estar inserido no contexto mundial. Ou seja, é fundamental que o aluno compreenda as vantagens de aprender uma L.A., e isso acontecerá, se os alunos compreenderem que uma L.A. é um instrumento por meio do qual as pessoas podem interagir com o mundo em que vivem, assim como construir conhecimentos necessários para garantir sua sobrevivência física e emocional.

O mundo está passando por rápidas transformações, as quais indicam que as pessoas estão vivendo em uma época de abertura e de novas conquistas em termos do conhecimento humano. Tal cenário traz inúmeras transformações nos setores da vida humana. Com o progresso tecnológico, é evidente, é possível agora processar, armazenar, recuperar e comunicar informação em qualquer formato, independentemente de fatores como distância, tempo ou volume.

Da mesma forma que a revolução industrial provocou profundas alterações na sociedade, a revolução tecnológica também tem causado inúmeras transformações na atual sociedade, como descentralização da economia, alteração das práticas culturais, redefinição do trabalho. As tecnologias emergentes são, sem dúvida, as principais responsáveis pela criação de novas linguagens, pelas mudanças no ambiente, no trabalho, no lazer e no consumo, e afetam a sociedade

⁷ Língua franca é uma expressão latina para língua de contato ou língua de relação resultante do contato e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para o comércio internacional e outras interações mais extensas.

contemporânea em todos os seus âmbitos. Em razão desses fatores, a prática social da linguagem é modificada, e em resposta a isso surgem novas formas de ler e de compreender o mundo.

Como percebo, a sociedade é marcada por constantes transformações, pelo imediatismo e a sedução. O uso das T.E. se constitui causando grandes inquietações, pois abrigam alterações culturais, de paradigmas, socioeconômicas, ideológicas e, principalmente, as rápidas modificações tecnológicas. Essa última traz um significativo e maior marco para a sociedade, pois, de acordo com Gomes (2010), a mediação tecnológica nas práticas comunicativas gera mudanças linguísticas, ou seja, junto com as T.E, surgem novas formas de convivência e interação humana. Para Petarnella (2008), as transformações tecnológicas têm especificidades midiáticas e digitais, portanto, o autor considera a atual sociedade como digital.

As consequências são notórias diante desse cenário onde as T.E. se fazem presentes no cotidiano. De acordo com David Crystal (2003), mais de 80% das palavras armazenadas na Internet são em L.I. Compreender como utilizar as ferramentas tecnológicas como as T.E., e mais especificamente, aprender a usar as mídias digitais se torna uma questão crucial, pois os sujeitos que irão atuar nesta sociedade necessitam de uma formação que dê conta de tais habilidades e os auxilie a desenvolver novos processos cognitivos. Um exemplo de mudanças de práticas é a da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que promoveu nos anos de 2011 e 2012 um curso de formação *online* para os professores que passaram no concurso público do Estado; nesse caso, se os profissionais em questão não possuíssem conhecimentos técnicos suficientes, não poderiam nem ao menos ter condições de ingressar em sua área de atuação na escola pública.

Como já colocado, mudanças culturais e sociais demandam novas formas de pensar, afirma Rego (2010). Trabalhar com hipermídia se torna uma questão importante. Um exemplo é a crescente utilização de *blogs* e *sites* de relacionamentos, em especial o Facebook⁸, o qual teve grande adesão por parte dos brasileiros. Atualmente muitos professores têm criado grupos neste *site* que é muito

⁸ Facebook é um site e um serviço de rede social lançado em 2004. O usuário cria um perfil pessoal, adiciona outros usuários como amigos e troca mensagens, incluindo notificações automáticas. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum, jogar jogos e categorizar seus amigos em listas.

utilizado por alunos. Nessa direção, é possível afirmar que as T.E. e a hipermídia representam uma alvorada de mudanças nas quais estamos redescobrimo e reconstruindo nossas relações com o mundo, habituando-nos a conviver de forma crescente com infinitos percursos.

2.1 O Cotidiano Escolar

Neste subcapítulo é pertinente um estudo sobre o cotidiano escolar, pois é nele também que se desenrolam as modificações que vêm ocorrendo, não somente no cotidiano dos alunos, mas também sobre a sociedade contemporânea, e é também desse universo que emergem as inquietações deste estudo.

O cotidiano escolar traz questões para serem discutidas e estudadas, pois sobre o cotidiano escolar é possível ver além do que está explícito, ou seja, abrir os olhos para ver além do óbvio, o que possibilita refletir sobre a própria existência do indivíduo. Em outras palavras, quando o cotidiano é suspenso, é possível perceber as práticas antes vistas por detrás do “véu”. É dessa forma, suspendendo o cotidiano, que o professor pode ver e visualizar a realidade em outras perspectivas. Para Almeida e Queiroz (2005, p. 09), “estudar o cotidiano escolar é tarefa da maior importância. O conhecimento que a educação produz tem por objetivo não só compreender, mas transformar a realidade”. Almeida e Queiroz remetem à ideia de que a educação nesse movimento absorve e transforma a realidade dos sujeitos.

Ainda sobre o cotidiano escolar, é importante destacar que o conhecimento tem papel fundamental, pois as informações estão mais do que nunca acessíveis. Para tanto, cabe também aos professores a difícil tarefa de agir como um filtro na formação de cidadãos reflexivos. Em Oliveira (2007, p. 117), a entrevistada Corinta Geraldi afirma que:

Os saberes produzidos nos embates cotidianos das aulas ficam, em geral, na memória dos que partilharam/construíram o processo. A memória tem suas artimanhas. Esquecemos, muito se perde e é irrecuperável, permanece o que, por ter sido significativo, peculiar, marcante, tenha permanecido enganchado em seus labirintos.

De acordo com Geraldi, a aula acontece não em sala de aula, e sim na cabeça, quando o sujeito reflete sobre os assuntos que foram abordados. Nesse sentido, é importante o papel do professor como mediador, para que os alunos

possam buscar um olhar singular, entre tanta pluralidade presente no cotidiano advinda com o uso das T.E. Para que isso ocorra de forma efetiva, é importante que o professor traga para o cotidiano dos alunos novas práticas que despertem seu interesse.

A escola, por sua vez, se vê frente a grandes dilemas, com a presença das T.E. Nesse impasse, é oportuno buscar conhecimento para trabalhar com os alunos de forma significativa, sucessiva e processual e implementar essas práticas na escola. Com o surgimento das T.E, o mundo se encontra modificado. Na educação isso se mostra latente, práticas que antes funcionavam, agora se encontram em conflito com a nova estrutura da sociedade contemporânea.

Dentro das novas práticas escolares, a imagem estática ou não estática é uma das principais mudanças no cotidiano. Um exemplo são os livros, que anteriormente eram quase que abarrotados de textos escritos; hoje os textos escritos cederam e vêm cedendo cada vez mais lugar aos textos visuais, às imagens. De acordo com Costa (2005), através das imagens é possível ter acesso a informações de senso comum e relacionar coisas que são naturais a todos, mesmo em culturas diferentes, sem a necessidade de um conhecimento já estabelecido do objeto. Em contraste com as ideias da autora, não acredito que a imagem possa relacionar coisas comuns a todos; se fosse assim, não haveriam estudos sobre imagens feitas em cavernas pelos primeiros habitantes da terra, pois a mensagem se autoexplicaria.

É nesse caminho de aberturas que destaco como a hipermídia pode representar uma alteração significativa na forma de leitura que os indivíduos fazem do mundo, pois possui várias linguagens, de forma que a comunicação possa ser mais efetiva. Nesse pensamento, acredito que a escola carece de maior preparo para mediar as novas relações que vêm se entrelaçando, e o uso da hipermídia é cada vez mais presente, também destaco a importância de os professores compreenderem o que é a hipermídia e usarem essa ferramenta com propriedade. Assim, ressalto aqui a importância das T.E. e hipermídia; no próximo subcapítulo apresento algumas visões pertinentes para a compreensão desse estudo.

2.2 Mídia, Multi, Hiper ou Trans, de Qual Mídia Estamos Falando?

Muito se tem falado sobre mídias. Nessa busca muitos autores ainda não conseguem ou conseguiram definir o que seria cada uma delas. A partir desse ponto é possível começar aqui discussões acerca das diversas mídias e trazer noções de seus respectivos conceitos.

Sobre o uso indevido da palavra “mídia”, Santaella (2004, p.61) assevera: “A palavra mídia tem sido utilizada à saciedade, sem preocupação com a demarcação mais precisa do seu sentido, como se essa palavra fosse um dado transparente despido de ambiguidades”. Com base nessa citação, é notória a importância de dissertar sobre o assunto e compreender os diferentes conceitos. Dessa forma, este subcapítulo tem o intuito mostrar ou apresentar alguns conceitos relacionados à mídia.

Desde os primórdios da civilização o homem se comunica através da linguagem, conjunto de signos verbais, visuais, sonoros e gestuais, para representar o que vê, o que sente e, ainda, para entender a própria história humana; esses signos se relacionam entre si por meio de regras bem definidas pela própria cultura/sociedade, a qual abriga em si uma pluralidade para que a compreendam e a usem. Sendo assim, em linhas gerais, pode-se dizer que praticamente tudo é linguagem, e o que ocorre é por intermédio da dela.

Sendo que a linguagem ocorre desde os primórdios da civilização humana, nos dias atuais é possível evidenciar que a hipermídia é produto da linguagem. Assim, para entender o que é hipermídia, mais à frente abordarei algumas noções sobre o termo, o qual é fruto da comunicação, sendo que essa vem se adaptando e se transformando de acordo com as mudanças nas práticas sociais.

Como já mencionado, a sociedade contemporânea é marcada pelas rápidas mudanças, principalmente as mudanças tecnológicas, e as T.E. desempenham papel essencial na produção do saber. Gradinaru (2011, p. 140) afirma em seu estudo:

As práticas associadas às novas mídias incluem o computador como mediador da comunicação (e-mail, chat, fóruns de comunicação baseados em avatares, telefones móveis), as novas formas de transmitir e interpretar os textos da mídia caracterizadas pela interatividade e os formatos de hipertexto (World Wide Web, CD-ROM, DVD, plataformas para jogos de computador), a realidade virtual, a transformação e a mudança dos tradicionais meios de comunicação, tais como fotografia, animação,

televisão e filmes. Estas práticas causaram uma grande mudança tecnológica no nível de desenvolvimento textual, nível das convenções geralmente utilizadas e no nível cultural.

Nessa perspectiva é possível compreender que as práticas associadas às novas mídias digitais têm transformado os meios pelos quais os indivíduos costumavam se comunicar, ou seja, os sujeitos estão agora diante de novas formas de se expressar. Dentro desse contexto de uso da linguagem, emergem as mídias, multimídias, hipermídias, mídias digitais, etc., as quais são usadas como hiperônimo de mídia. Para esclarecer esses termos, apresento algumas noções de cada uma a seguir.

2.2.1 Mídia

Para Gomes (2010), mídia refere-se ao recurso pelo qual uma informação é transmitida, ou seja, o canal ou o meio de comunicação. O termo mídia também designa o suporte (CD-CD-RW, memória física, redes digitais, etc.) e nesse mesmo sentido, Gosciola (2003, p. 27) afirma que “Mídia é o canal, meio de comunicação pelo qual a informação é transmitida, CD, DVD, CD-RW...”, ou seja, os dois são congruentes em afirmar que mídia é o meio de comunicação por onde são transmitidas as informações.

Ainda sobre o conceito de mídia, Santaella (2004, p. 116) afirma que “mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam”. Em seus estudos, a autora traz a definição não só de mídia, mas a divide em dois tipos, sendo a primeira mídia e novas mídias, as quais se relacionam e se diferem através do meio, que para ela é o lugar pelo qual as informações são transmitidas.

Interpreto as diferentes vozes e olhares sobre mídia, as quais se abrem para novas questões. No entanto, a definição que mais atende a este estudo sobre o que é mídia é a de Gomes, portanto usarei sua visão para conceituar mídia.

2.2.2 Multimídia na Mídia?

Partindo do ponto que entender sobre hipermídia é importante para este estudo, faz-se necessário a tentar buscar distinção de conceitos/termos aparentemente próximos que aparecem na ramificação quando a palavra mídia é utilizada. Para tanto, busco aqui alguns referências teóricas para levantar alguns conceitos.

Para compreender o termo multimídia, adentro essa busca tanto nas áreas do saber da Comunicação quanto da Linguística Aplicada. Para Gosciola (2003), a multimídia é um meio que agrega em si texto, imagem e som. O autor nos chama a atenção quanto à interatividade, que segundo ele, é limitada; essa será tratada mais adiante, pois é uma das características principais para diferir a multimídia da hipermídia.

Leão (1999, p. 16) conclui que multimídia é “a incorporação de informações diversas como som, textos, imagens, vídeo, etc., em uma mesma tecnologia – o computador”. Gomes (2010, p. 93) afirma: “Multimídia é a integração de gráfico, animações, vídeos, música e texto (conjunto de meios), baseada em computador que pode ser acessada de maneira linear ou não linear”. É possível verificar aqui que ambos, Leão e Gomes, concordam quanto ao que se diz de multimídia como integração ou incorporação de som, imagens, textos, animações etc., no entanto, é de conhecimento que a multimídia pode ser acessada não somente em computadores, mas também em qualquer suporte físico que tenha as configurações básicas para a leitura desse conjunto de meios, portanto até este ponto, a definição que mais se enquadra neste estudo é a de Gomes no que se refere a meios e acesso linear ou não, e também a visão de Gosciola no que se refere à pouca interatividade.

2.2.3 A era dos hipers: o mundo do hipertexto...

O termo hipertexto foi primeiramente utilizado na década de 1960 por Theodor H. Nelson para se referir a uma forma de texto eletrônico, que tinha como centralidade a escrita não sequencial, ele talvez já conseguisse visualizar como seria a atualidade, pois é visível que os indivíduos estão vivendo no mundo dos *hipers*. Lipovetsky (2004) também sugere o termo para definir a sociedade contemporânea. É por essa razão que o hipertexto, hiperleitor, hiperweb, hipermídia,

hipermodernidade, hipermercado, etc. estão a cada dia mais presentes no cotidiano, muito mais do que os multi, ou pós, pois a própria palavra hiper significa “muitas dimensões”, enquanto multi significa “variados” ou “muitos”. Explano aqui que o hiper ultrapassa os muitos para ir além... É a era dos *hipers*.

O hipertexto é, se não a mais, uma das palavras mais utilizadas na área acadêmica para os estudiosos das áreas da Linguagem, Tecnologia e Comunicação. Também atualmente é usada por outras áreas que fazem uso das T.E.. Dessa forma, é possível perceber o crescente uso da palavra hipertexto, a qual muitas vezes não condiz com seu verdadeiro sentido, até mesmo em sua antropologia. Neste estudo é relevante a investigação de o que é hipertexto, pois como mostro a seguir esse termo é muito usado com o mesmo sentido de hipermídia. Bairon (2011) afirma que, na atualidade, o hipertexto e a hipermídia confundem-se diante de uma relação e soma das mais variadas mídias. Desta forma, o propósito deste subcapítulo é lançar um olhar mais singular e discutir algumas diferenças que são fundamentais para este estudo.

Buscando o refinamento da definição e caracterização do conceito, tomo de antemão como uma das características fundamentais do hipertexto a presença de *links* e a não linearidade, e que ele esteja dentro de algum meio, como computador, *tablet*, celular⁹, etc.

Para Lawer e Scaveto (apud Gosciola 2010, p. 28), hipertexto é “um agrupamento de textos em meio digital ligados por elos semânticos ancorados em uma palavra ou em uma frase promovendo uma leitura não linear”. Ainda sobre o conceito de hipertexto, Santos (2009, p. 5) afirma: “hipertexto pode ser entendido, desde sua origem conceitual, como uma estrutura de textos associados, por meio da qual o usuário pode navegar e interagir. Sua construção se dá na forma de nódulos “linkados”, que podem conter dados de qualquer natureza”. Numa linha similar de pensamento, Gomes (2011) apresenta sua visão de hipertexto como texto que só se realiza no virtual, e que tem como elemento chave a presença de *links*¹⁰, os quais podem ser de qualquer formato, sendo geralmente palavras, ícones, imagens, etc. O

⁹ Celular ou telemóvel é um aparelho de comunicação por ondas electromagnéticas que permite a transmissão bidirecional de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica que se encontra dividida em células, cada uma delas servida por um transmissor/receptor.

¹⁰ *Link* ou “atalho” é uma referência dentro de um documento em hipertexto a outras partes desse documento ou a outro documento.

autor, em outra obra, acrescenta: “local e o resultado da interação ativa, verbal ou não, entre interlocutores, enquanto sujeitos ativos que dialogicamente nele se constroem ou são construídos, acrescentando a presença de links e uma existência exclusivamente eletrônica do hipertexto” (Gomes, 2010, p. 41).

Outra visão explorada por Gomes (p. 256), sobre hipertexto, parece ser similar aos pensamentos de Synder (2010), ele destaca “hipertexto tem três características essenciais: múltiplos caminhos de leitura, texto (que inclui imagens e sons) dividido em blocos ou fragmentos e algum tipo de mecanismo eletrônico para conectar (linkar) esses blocos ou fragmentos”. No entanto, há um contraste quando Gomes ressalta que uma das características principais é o texto ser exclusivamente virtual. Bairon (2011, p. 25) apoiado na ideia original do hipertexto assevera: “de acordo com Ted Nelson, ao falar de hipertexto, não há uma última palavra. Não pode haver uma última versão, um último pensamento”, ou seja, o hipertexto é um produto inacabado, sempre algo novo. Assim, do que foi apresentado, identifico hipertexto como local e resultado da interação ativa, exclusivamente online, com presença de *links* e aberto a novas interpretações e versões, que são as visões de Gomes (2010) e Bairon (2011).

2.2.4 Hipertextos multimodais

O subcapítulo anterior possibilitou entendimento mais direcionado sobre hipertexto. Assim, este estudo conceitua hipertexto como um texto exclusivamente virtual, com presença de *links*, os quais podem ser imagens, sons, gráficos (Gomes, 2010). Para as discussões futuras, fazem-se necessários levantamentos sobre o termo hipertexto multimodal, o qual os estudiosos da Linguística compararam à Hipermídia. Nesse caminho, procuro teorias que indiquem se realmente existem semelhanças entre esses conceitos.

Em meio às experiências midiáticas, é fato que o mundo das imagens tem ganhado cada vez mais espaço no cotidiano, deixando de lado os textos escritos e verbais. Neste sentido, Gomes (2010) em sua obra destaca que as imagens ao contrário do texto escrito costumam ter um impacto mais direto e emocional, enquanto o texto escrito traz um apelo maior ao raciocínio lógico. Assim sendo, já é possível verificar esses usos em *sites* de relacionamentos, como o Facebook, com

imagens compartilhadas a todo instante para expressar opiniões, o Tumbler¹¹, que faz uso das imagens com uso de pequenos textos escritos para dar suporte à imagem.

É válido destacar que “multi” significa vários, e “modal” são modos; dessa forma, multimodal são as diversas formas de representação (imagem, som, textos, etc.) em um mesmo suporte. Gomes (2010), em seu livro, traz à frente estudos referentes ao verbal e não verbal, e como texto e imagem podem ser interpretados sozinhos e relacionados, o autor também aborda a importância do letramento visual para compreensão dessas relações. Gomes destaca que o termo multimodalidade leva em conta os elementos lexicais nas análises de textos, como também os diferentes modos de representação como imagem, música, gestos, sons etc.

Baseada nas visões de Gomes, destaco aqui a grande mudança sentida no contemporâneo “a descentralização da linguagem verbal e escrita” para representar as imagens. Somam-se aqui as visões de Bairon (2011), o qual destaca que anteriormente havia uma valorização do verbal, e mesmo depois da criação de fotos e cinema, esse continuou preponderante; no entanto, com o advento das mídias digitais, a cada dia mais as imagens tomam lugar da escrita, e essas se relacionam entre si a fim de buscar um signo mais completo.

Assim, a multimodalidade pode ser o reconhecimento de que a língua não é o centro da comunicação, pois os gestos e a fala co-ocorrem, a língua e a imagem trabalham juntas e, ainda, a imagem, a língua e o som são coordenados.

Como abordado aqui, a hipermídia pode ser entendida na Linguística Aplicada como um hipertexto multimodal, no entanto, ela difere muito seu significado como hipermídia no saber das Comunicações. Dessa forma, apresentarei mais à frente algumas ideias dessas diferenças que são importantes para este trabalho.

2.2.5 A hipermídia

Já foram abordados noções de termos relevantes para este estudo como mídias, multimídia, hipertexto e hipertexto multimodal, para compreender o termo que será adotado; hipermídia. Aqui apresento algumas visões acerca do conceito.

¹¹ Tumbler é uma plataforma de *blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeos links, citações, áudio e “diálogos”, a maioria dos *posts* são textos curtos. Os usuários são capazes de “seguir” outros usuários e ver seus *posts* em seu painel.

De acordo com Silva (2010, apud Gomes, 2010) existe multimídia linear, fechada, e a multimídia não linear, ou seja, um sistema aberto; segundo o autor, o termo hipermídia definiria esse segundo tipo. Nesse mesmo sentido, Leão (1999, p. 16) acrescenta: “hipermídia é uma tecnologia que engloba recursos do hipertexto e multimídia, permitindo ao usuário a navegação por diversas partes de um aplicativo, na ordem que desejar”. Acredito que aqui há um consenso sobre o que é hipermídia entre Gomes e Leão. Gomes compara hipermídia à multimídia; na visão do autor a diferença está no sistema aberto, o que vai ao encontro da visão de Leão no que se refere à navegabilidade, Leão também acrescenta que hipermídia é fruto do hipertexto e multimídia em uma fusão de linguagens. Nesse caminho, Santaella (2012, p. 177) afirma: “quando o hipertexto se funde à multimídia, ele se torna hipermídia”, para Bairon (2011), a hipermídia foca na estética enquanto o hipertexto tem preocupações quanto ao social.

Machado (1997, p.146) define hipermídia como;

[...] uma forma combinatória, permutacional e interativa de multimídia, em que textos, sons e imagens (estáticas ou em movimento) estão ligadas entre si por elos probabilísticos e móveis, que podem ser reconfigurados pelos receptores de diferentes maneiras de modo a compor obras instáveis de maneiras infinitivas.

A partir desse ponto, Santaella (2007) enfatiza que a linguagem digital que se constitui nas redes é a linguagem da hipermídia a qual é constituída do hipertexto fundido à comunicação multimídia; parece haver uma grande diferença na visão de Gosciola (2003, p. 34) em relação a Santaella, sendo importante destacar aqui que ambos são da área da Comunicação. Para Gosciola, “hipermídia vai além da multimídia, por trazer ênfase na interatividade e no acesso não linear promovido pelos links entre os conteúdos”; o autor compara a hipermídia à TV digital, pois nela o telespectador não é um sujeito passivo, ele age, interage, procurando seus próprios caminhos, sem uma ordem pré-estabelecida. Gosciola ainda define hipermídia: “É um produto com nível de navegabilidade, de interatividade e com mais intensidade em conteúdos visuais, que o hipertexto” (p. 34).

A busca pela não linearidade não é recente de acordo com Bairon (2011); sempre houve um “escape” para situações em que o homem buscou a não linearidade para expressar seus sentimentos, como por exemplo, a arte plástica, o poema, a música e a literatura popular. Com a criação da hipermídia, essas

manifestações alcançaram maior ênfase em sua ruptura. De acordo com o autor, na linguagem hipermidiática as pessoas não se encontram mais diante de dilemas de signos mais representativos e sim diante de uma situação que as empurra a trabalhar e a pensar de forma híbrida. Tal argumentação aponta diretamente ao pensamento de Santaella (2012, p. 173): “não há linguagem mais híbrida, misturada e variegada do que a hipermídia”.

Referente ao que foi apresentado sobre hipermídia, Santos (2009, p. 04) acrescenta:

A hipermídia alimenta-se da linguagem literária e da linguagem audiovisual, incrementado-as com a interatividade, proporcionada pela estrutura do link, e criando uma terceira possibilidade que não mais é apenas a junção das duas primeiras, mas uma maneira de resignificar as possibilidades midiáticas destas.

Esta ideia pode ser de certa forma, compartilhada por Santaella (2007); a autora entende que a hipermídia se constitui como uma nova Linguagem, não somente multimodal; ela resignifica as representações dos indivíduos. Para tanto, antes é relevante mapear as características que a constituem como uma nova Linguagem, e antes ainda o que vem a ser Linguagem. Parece haver certa similaridade entre os pensamentos de Santaella e Santos; Machado (1997), acredita que por meio da hipermídia é possível expressar situações complexas, polissêmicas e paradoxais antes não possíveis devido à linearidade e destaca que a hipermídia permite a experiência plena da imaginação e do pensamento, e assim afirma;

Através de suas bifurcações, de suas proposições múltiplas e ambíguas, das ligações móveis e provisórias entre suas partes, a hipermídia permite representar o pensamento não assentado dos espíritos que contendem entre si, como a confirmar a máxima de Mikhail Bakhtin de que a verdade tem sempre uma expressão polifônica. (p. 148).

Assim, ao compartilhar algumas noções sobre hipermídia me aproprio das ideias de Gosciola e Bairon, pois são visões que atendem às necessidades deste estudo no que se refere à interatividade, não linearidade e maior intensidade em conteúdos visuais.

2.3 A hipermídia no cotidiano escolar

Como já mencionado, o cotidiano também tem sido influenciado pelo mundo audiovisual, no qual as tecnologias agem diretamente no fazer e representar. Um exemplo é a Internet, que possibilita interatividade, a aproximação do espaço, hipertextualidade, múltiplas linguagens, flexibilização dos tempos, comunicação em tempo real, amplitude de fontes de pesquisa, comunicação em rede e publicação de produção.

No cotidiano escolar já se inserem as práticas tecnológicas, por meio de recursos da *web* que são disponibilizados¹² para os alunos e professores. No entanto, o que se tem hoje são escolas, em sua maioria, equipadas e com recursos tecnológicos disponíveis, como salas de informática com acesso à Internet e, de outro lado, as escolas se deparam com muitos professores que não sabem como utilizar as T.E. para a produção de conhecimento dos alunos. Sabe-se que são necessários conhecimentos para transformá-los em estratégias de ensino-aprendizagem, no entanto a realidade pode ser outra; a maioria dos professores despreparados, mas que se esforçam para usar as T.E., sem obterem uma resposta, tanto de ensino quanto de aprendizagem esperada, pois não sabem por que, para que e quando as T.E. devem ser usadas.

O autor Pertanella (2008) afirma que os professores usam as T.E como uma extensão da sua habitual prática em sala de aula, ou seja, não se apropriam das T.E como uma ferramenta de auxílio na produção de saberes, continuam usando antigas metodologias e práticas pedagógicas tentando incorporá-las às T.E. Ainda, sobre esse aspecto Tosta (2008, p. 58) aponta: “o maior desafio da Educação de hoje é incentivar o uso das tecnologias digitais, e, ao mesmo tempo não permitir que o conhecimento se forme fragmentado, supérfluo e vazio”.

Nesse caminho, assinalo a importância do papel do professor na mediação das relações que se estabelecem na nova organização cultural, de forma que as T.E. não ocupem o papel hoje exercido pelo professor, e sim, que possam ser utilizadas na produção de conhecimento em busca da formação dos sujeitos.

¹² Neste trabalho tratarei apenas das escolas que já possuem tais recursos. Não cabe a esta pesquisa apresentar dados ou mesmo gráficos sobre o percentual de escolas na cidade, estado ou do país que disponibilizam tais recursos. Limitarei as discussões à escola foco deste estudo.

Na tentativa de suprir as dificuldades tecnológicas e promover a inclusão digital dos professores, são criados inúmeros cursos de capacitação, em sua maioria *online*, os quais supostamente devem auxiliar os professores com o uso das T.E., com sugestões de aulas e material pedagógico de apoio.

A ideia de utilizar as T.E. nas escolas, incluir o aluno digitalmente, inseri-lo no mundo do trabalho e oportunizar-lhe o conhecimento de uma língua estrangeira são reflexos de um mundo contemporâneo, de forma que há a necessidade desses requisitos básicos para se conseguir um bom emprego e não se tornar um excluído da sociedade. No entanto, as T.E. devem servir para o desenvolvimento social e humano, e não devem ser controladas por grandes corporações ou pensamentos capitalistas.

Este estudo busca enxergar no cotidiano escolar como desenvolver uma proposta de L.I. por meio de hipermídia envolvendo países e culturas diferentes. Como já destacado, os alunos têm facilmente acesso à hipermídia e muitos deles criam vídeos, no entanto, a técnica está diretamente ligada ao significado e, diante do conteúdo utilizado na produção de hipermídia, podem existir inúmeras interpretações, ou mesmo nenhuma interpretação, assim como quando se lê um texto que não apresenta coerência e coesão.

Nesse caminho, Santos (2009, p. 10) assevera: “Quase uma simulação do cotidiano, entendemos a hipermídia como uma linguagem que nos imita, ou, pelo menos, abre a possibilidade para vivenciarmos um mundo com ações e reações muito parecidas com as que experimentamos no dia-a-dia”. A inquietação que Santos aponta pode ser observada no cotidiano. Assim, busco compreender de que forma um projeto de L.I com a utilização de hipermídia envolvendo culturas diferentes pode ser trabalhada, em linguagens que se orquestram num vídeo, de forma que os produtores e receptores se valham das múltiplas linguagens para transmitir, receber e negociar significados.

2.4 Colaborações de um sistema hipermidiático na aprendizagem de uma Língua Adicional

Em minha prática como docente, percebi que um ambiente diferenciado da sala de aula motivava os alunos a usarem os recursos da Internet e que, com a

crescente adesão deles às redes sociais e *sites* como o Youtube¹³, tem sido um dado importante no que concerne à mudança de hábitos de aprendizagem e tecnológicos. Hoje em dia um dos desejos dos jovens está na compra de celulares cada vez mais sofisticados; na visão deles, o importante é a grande disponibilidade de aplicativos que possuem recursos de multimídia, como por exemplo, tirar fotos e criar filmagens, e, como já mencionado, isto está cada vez mais presente no cotidiano escolar.

Como vimos, o uso de um sistema de hipermídia é importante, pois agrega as múltiplas linguagens em si, as quais modificam as manifestações das coisas. Nesse sentido, Leão (1999, p. 65) assevera: “oferecem o suporte maleável e multidimensional mais adequado para exprimir o pensamento em sua complexidade do que os meios que dispúnhamos anteriormente, a oralidade e a escrita”.

De maneira semelhante à visão de Leão, Bairon (2011, p. 39) destaca: “na hipermídia podemos penetrar, como verdadeiros intrusos, no mundo da polifonia multimidiática, pois do cursor ao movimento da imagem, o sujeito, agora mais subjetivo que simbólico, pode fazer parte atuante do cenário”. Percebo a implicação do uso de hipermídia, pois como as práticas sociais têm se modificado através do uso de tecnologias, as hipermídias ocupam um papel central, no qual não existe mais autor e leitor, eles se relacionam através de uma troca constante de sentidos o atual “usuário-interator”. Os indivíduos encontram-se agora frente a novas formas de interpretação, as quais não eram possíveis anteriormente e, para tanto, é necessária a apreensão desse conhecimento, uma vez que os jovens a cada dia estão mais tecnológicos, é crucial, portanto, que o aluno aprenda a significar essas novas relações. Santaella (2007) destaca que a integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de hipermídia, trouxe mudanças para o modo como não só o texto, mas também a imagem e o som costumavam ser entendidos. Segundo a autora, a hipermídia se constitui como nova linguagem e não somente como suporte para os meios, pois o receptor se torna

¹³ YouTube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital através da Internet. Canais podem ser criados pelos usuários, os quais podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas.

ativo, numa troca constante; modificando as novas formas de interação, o sujeito é ativo e também emissor, o que implica um processo de significação constante.

Para Leão (1999), o sistema hipermidiático tem como fundamento a articulação e a organização da complexidade, por exemplo, um pensamento complexo não pode ser expresso por meio de estruturas fechadas, ou seja, um sistema hipermidiático só se realiza quando há uma dialética.

É possível depreender que um sistema hipermidiático pode ser agregador no aprendizado de uma segunda Língua, isso porque, as relações atuais entre emissor e receptor se modificaram por meio da hipermídia. Portanto, agora as possibilidades comunicativas das outras linguagens, por causa da tecnologia, podem estar num mesmo suporte, num único texto. E isso modifica a comunicação que como mencionado sempre foi multimodal, e agora pode ser hipermidiática. Assim, no próximo subcapítulo apresentarei um breve levantamento dos recursos midiáticos e metodologias utilizadas ao longo dos últimos anos no ensino de L.A e L.I.

2.5 Diversas mídias utilizadas no ensino de L.A

Este subcapítulo é importante para compreendermos um pouco mais sobre o histórico das mídias utilizadas no aprendizado de uma Língua Adicional, desde as primeiras mídias até o presente, para que seja possível criarmos alguns conceitos e entendermos como a hipermídia pode modificar as diversas mídias já utilizadas.

O homem, ao longo de sua existência, tem registrado sua história. Inicialmente, através do uso da pedra, barro, argila, folhas, madeira, ossos e cascos de animais, na própria pele, etc. No entanto, de acordo com Paiva (2008), o papel foi, indubitavelmente, o grande responsável pela revolução nas diversas práticas sociais letradas e, principalmente, das práticas educacionais.

De acordo com Paiva, os precursores do livro foram o *volumen* e o *códex*, que consistiam, respectivamente, em cilindros folhas de papiro, mais tarde substituído por pele de animal, e “blocos de madeira”, porém, ambos apresentavam desconforto para a prática da leitura. O livro tal como o conhecemos hoje surgiu no Ocidente por volta do século II d.C., quando houve a substituição do *volumen* pelo *códex*, o qual já apresentava melhorias, como maior número de textos em um único volume. Entretanto, a maior revolução dos livros se deu no século XV, quando Gutenberg inventou a imprensa, trazendo para a humanidade uma cultura letrada e a produção

de livros em série. A revolução assinala a expansão do ensino de L.A., assim como o surgimento de materiais de ensino que serão mais detalhados abaixo.

➤ **Material de gramática e tradução**

Quanto ao ensino de L.A., como o material (livro) era muito escasso, predominavam os métodos baseados em diálogos e ditados; desta forma, a escolha do livro não estava necessariamente relacionada à metodologia de ensino, e sim ao material disponível. Paiva (2008) afirma que “os primeiros livros didáticos foram as gramáticas, e o conceito de língua se restringia ao de estrutura gramatical, tendo como referência a língua escrita”. Isso acontecia devido ao costume de tradução, como de documentos importantes, de cunho político ou religioso.

O registro do primeiro livro ilustrado data de 1659, Orbis Pictus, de Comenius, que era um livro de vocabulário ilustrado; este livro foi muito popular, tanto que, até o século XIX, vários outros livros foram baseados nele. No entanto, Orbis Pictus era relativamente caro, devido às ilustrações nele contidas, o que resultava em menor adesão por parte de muitas pessoas que queriam adquirir um livro. O que chama a atenção sobre este livro é que integrava linguagens, de forma que podemos afirmar que, já no século XV, fazia-se uso da multimodalidade.

Ainda de acordo com Paiva, o método de tradução só se tornou popular com a conseqüente popularização do livro. Dessa forma, entendo que havia o ensino de L.A. predominantemente por meio de tradução. Howat (1984 apud Paiva, 2007) afirma que a característica principal desse tipo de material foi a substituição de textos tradicionais por frases exemplificatórias; é possível perceber aqui que o ensino de L.A. contava com recursos de facilitação para os alunos, embora ainda se utilizassem as traduções, passou-se ao uso de frases mais curtas.

No século XX, no Brasil, entre os anos de 1936 e 1940, foram adotados vários livros para o ensino de Inglês que buscavam trazer aos alunos situações reais e até mesmo coloquiais. Dentre eles, o livro A Gramática da Língua Inglesa, que trazia regras gramaticais, exercícios, lista de verbos, frases mais utilizadas e tradução de textos em seu conteúdo. Outro exemplo de um livro para aprendizagem de Inglês bastante utilizado era o The English Gymnasial Grammar que, englobava o que o

anterior trazia e, ainda, apresentava como diferencial as primeiras transcrições fonéticas, razão talvez pela qual tenha sido um livro tão popular no Brasil.

Nesse mesmo período, mais precisamente em 1930 o livro An English Method, do Padre Julio Albino Pinheiro, traz uma proposta inovadora para a época. A proposta principal do livro é a autonomia do aluno, através de símbolos fonéticos baseados na tabela fonética internacional, diversos tipos de gêneros e, o mais surpreendente, o livro era acompanhado por um disco de gramophone, no qual podiam ser consultados os sons dos símbolos fonéticos. Portanto, esse material foi pioneiro em trazer o uso da tecnologia de áudio e buscar a autonomia do aluno.

➤ O material de áudio

Como vimos, o livro An English Method (1930) foi pioneiro em apresentar material de áudio para o ensino de L.A. no Brasil, no entanto, a Europa, desde 1901, já possuía esse material. O primeiro material utilizado foi o cilindro fonográfico de lata, inventado por Thomas Edison, posteriormente aprimorado por Alexandre Graham Bell, e ficou conhecido como fonógrafo em 1887, afirma Paiva (2008); eles continham fala autêntica de nativos, com textos contendo ilustrações. Depois vieram os discos e o Solophone, um tipo de *headphone*¹⁴; mais tarde foram criadas as fitas cassete, CDs, CD-Roms, os quais foram sempre primeiramente utilizados na Europa. Por último (até o momento), foi criada a Internet, que no início tinha uso restrito para os militares norte-americanos (1950) e posteriormente se tornou acessível para a maior parte do mundo, tendo seu “ápice” no Brasil nos anos 1990.

➤ Material para oralidade

No fim da década de 1940, no Brasil, o material didático restrito a regras gramaticais e tradução começou a ceder lugar para materiais que focavam a utilização da língua falada; entre o material ainda disponível, podemos destacar o livro Essencial English, que contém muitas ilustrações e enfatiza o uso da fala e da

¹⁴ Hearphone é um alto-falante para audição direta, colocado na cabeça do ouvinte. A finalidade é proporcionar uma audição privada, quando não se puder ouvir som pelas caixas acústicas, ou ainda minimizando as interferências de outras fontes sonoras que estejam sendo reproduzidas simultaneamente no mesmo recinto.

escrita em Língua Inglesa. Esse permaneceu no mercado como um dos livros mais procurados para o ensino de L.I., por cerca de 30 anos. No entanto, o uso (e o ensino) da Língua era ainda bastante formal. Em seguida, foram publicados muitos outros livros que mantinham as mesmas teorias, salvo as diferenças na forma, como por exemplo, unidades divididas por tópicos, livros divididos por níveis, etc.

Na mesma linha de materiais áudio-orais, as séries English 900 e English 901 trouxeram um diferencial se comparadas aos livros que as precederam. A série English 901 abrigou o uso de marcações gráficas para sinalizar os padrões de entonações, como por exemplo, as entonações e o *schuwa* (vogal reduzida em sílabas átonas, como em: *about* [ə'baʊt]) das palavras em Inglês,(Paiva, 2008).

No Brasil, o ensino de Inglês teve seu grande ápice a partir dos anos 1960, quando, após a Segunda Guerra Mundial e a inserção dos computadores, os Estados Unidos passaram a ocupar posição de destaque entre outros países, como, por exemplo, no campo acadêmico, no político, econômico e social. Países como o Brasil precisavam de profissionais que soubessem o idioma para estabelecer relações em vários âmbitos; para tanto, em meados da década de 1970, é lançada a série New Horizons in English. Basicamente, a série focava o uso do idioma Inglês em situações reais, porém a série continua a seguir o modelo de abordagem estrutural com atividades controladas (Paiva, 2008). Nessa mesma década, muitos materiais traziam a ideologia de que os aprendizes de L.A. deveriam focar apenas na oralidade; assim, os textos passam a ter uma significativa redução, pois o contato com textos, segundo aquela ideologia, deveria ser retardado, e o professor fazia uso de *drills* (repetições) para memorização das palavras. Paiva também aborda o método audiovisual e cita o exemplo do livro English by the Audio-visual Method, o qual englobava os aspectos acima citados e passava ao aluno a tarefa de memorizar os diálogos e sentenças mais utilizadas por meio dos *drills*, com pequenas variações lexicais e sintáticas. Nesse material, como nos anteriores, a leitura e escrita eram retardadas, sendo utilizadas somente após a aquisição de estruturas orais básicas, e eram proibidas traduções e explicações gramaticais.

Paiva (2008) afirma que “a década de 1970 foi muito fértil em produção de material didático. Surge a preocupação com as necessidades dos aprendizes e inúmeros livros para propósitos especiais aparecem nessa época”. Solange Ribeiro de Oliveira publica alguns livros, entre eles, Trip to the Moon (1973); a autora aborda

outras metodologias em seus livros, no entanto, a abordagem estrutural permanece muito forte. Mesmo Paiva produz nessa mesma década material audiovisual. Solange faz pequenas adequações, como por exemplo, o uso de quadrinhos, no entanto acompanha a tendência da época de que a leitura e a escrita deveriam ser deixados em *stand by*, assim, seu material não foge à abordagem usada na década.

De acordo com Paiva, um dos primeiros livros de orientação situacional é o Situation Dialogues, de Ockenden, publicado em 1972. O livro traz situações da vida cotidiana com tópicos como comida e saúde; o mais interessante nesse material é que cada situação apresenta quatro variações. O material é inovador para a época por apresentar várias linguagens, apesar de fazer uso da estrutura gramatical.

➤ **A Abordagem Comunicativa**

No fim dos anos 1970, o método audiovisual abre caminho para a Abordagem Comunicativa; essa como o próprio nome explicita, se caracteriza por ter o foco no sentido, no significado e na linguagem para a interação propositada entre os sujeitos, diferentemente do sistema abstrato de regras anteriormente utilizados, representando, portanto, um avanço significativo em relação à abordagem estruturalista de ensino.

Um exemplo de material publicado nessa época é a série Estrategies, em que a autora, Freebairn (1977 apud Paiva, 2008), assevera sobre o fato de “os outros materiais darem ênfase apenas às habilidades orais” e enfatiza que uma pessoa em férias na Inglaterra também precisa preencher formulários, ler avisos, etc., além de entender anúncios orais. Nesse sentido, outros livros mais ou menos populares, incluindo muito nacionais, vão surgindo, visando uma abordagem comunicativa. Segundo Paiva, os livros do início da década de 1980 vão ficando visualmente mais bonitos e coloridos, além disso, começam a diversificar seus conteúdos extras, como vocabulário, índice etc. Já o livro do professor apresenta ideias para preparar as aulas, assim como técnicas de ensino, etc.

A abordagem comunicativa é uma das abordagens mais utilizadas até os dias atuais, sendo uma das mais adotadas, principalmente pelas Escolas de Idiomas.

Quanto ao ensino público, alguns professores fazem uma mescla das metodologias de acordo com as necessidades dos alunos.

Quando fiz o curso de Letras-Inglês na Universidade de Sorocaba, de 2006-2008, as aulas tinham como proposta, em uma das disciplinas, a abordagem comunicativa. Entre as atividades propostas, tínhamos aulas de prática no laboratório; as aulas eram centralizadas em escuta e repetição de palavras e sentenças, por meio do uso do computador e de *headphones*. Percebo que essa atividade era bastante auxiliadora, no entanto, não trazia sentido nem significado, ao menos para mim. Apesar da tecnologia existente, acredito que ainda há muito para pesquisar sobre metodologias que abordem situações de uso comunicativo no ensino de Inglês que privilegiem o uso da língua em sua amplitude, principalmente agora, no cenário contemporâneo, quando as T.E. interpelam o letramento tradicional.

Dessa forma, é possível apontar a relevância de uma abordagem de ensino que utilize as ferramentas disponibilizadas pela Internet. Neste estudo, destacamos a hipermídia, a qual poderia potencializar as expectativas de aprendizagem dos alunos de L.I.. No que tange ao uso da língua, esta é uma das questões norteadoras deste estudo, pois acredito que mesmo a abordagem comunicativa não desempenha seu propósito, de tratar a comunicação em sua complexidade, utilizando as múltiplas linguagens que fazem parte da comunicação.

Identifico que a hipermídia pode auxiliar e mesmo potencializar o ensino de L.I., devido às múltiplas linguagens que engloba. Assim, torna-se importante olhar para o contexto atual. No capítulo “Cultura Digital” (3), busco permear esse contexto; também no próximo subcapítulo, tento levantar algumas ideias quanto ao uso de hipermídia em uma nova abordagem.

➤ **A Utilização de Hipermídia na Abordagem Comunicativa**

Neste subcapítulo apresento algumas leituras concernentes ao uso de hipermídia em uma situação de Abordagem de L.I., com o uso comunicativo atual, indagando sobre as possibilidades de potencialização do ensino de uma L.I.

De acordo com Santos (2009), a partir do momento em que os indivíduos têm à disposição a hipermídia ou ferramentas multimodais, têm também a oportunidade

de exprimir o pensamento com a utilização de diversas linguagens (sons, imagens, vídeos e texto) de forma não linear, assim como o pensamento. Concordo com as ideias do autor, todavia é importante destacar que isso só se concretiza efetivamente se a pessoa souber usar e conhecer as linguagens agregadas à hipermídia.

Vimos que a hipermídia trabalha de forma não linear, envolvendo várias linguagens, de que forma a favorecer a comunicação. Nesse sentido, Ilari (2001) assevera que determinadas palavras e expressões criam uma representação dos interlocutores e da interação verbal. Para o autor, a conotação é responsável pelo efeito de sentido do uso de determinadas palavras. Como abordado, as linguagens verbais e escritas predominavam na comunicação; criam-se agora novos horizontes, pois a hipermídia abrange todas as linguagens e essas não se encontram fragmentadas, ao contrário, a hipermídia é híbrida. Assim, a linguagem passa de multimodal para hipermidiática.

Quanto à intenção do falante na comunicação, Ilari (2001) acrescenta que a conotação oferece informações sobre como o falante representa o ouvinte, pois a conotação não é neutra de sentidos, como é a denotação. Dessa forma, as palavras escolhidas, os assuntos estão sempre engajados para atingir um propósito.

Se a conotação não é neutra, “livre de sentidos”, o que estiver no falante também possibilita certa conotação ao ouvinte, lembrando que a conotação e a denotação caminham juntas na comunicação. Ilari (2001, p. 42) lista as conotações referentes ao falante, as quais dizem respeito geralmente a estes aspectos:

- ✓ Faixa etária;
- ✓ Profissão;
- ✓ Condições sociais;
- ✓ Procedência geográfica.

O autor lista também a maneira como o interlocutor é representado ou o assunto; esses levam a escolha dos seguintes aspectos:

- ✓ Diferentes pronomes e expressões de tratamento;
- ✓ Expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade etc.) ou distância (formalidade, frieza etc.);
- ✓ Diferentes gêneros de fala e escrita (ofício x bilhete);

- ✓ Diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria etc.).

Conforme o que foi destacado até aqui, são realizadas escolhas no ato da fala levando-se em conta diversos aspectos, ou seja, há relevância da imagem que temos do outro, “falante e ouvinte”, na condução da comunicação. Como consequência, pode-se afirmar que a hipermídia potencializa a comunicação, desde que essa seja elaborada, assim como um texto escrito. Por exemplo: quando a comunicação é realizada por meio de um texto escrito ou pelo telefone, a análise é feita com base nas linguagens participantes na comunicação. No caso da hipermídia, linguagens como som, imagem, texto e vídeo se complementam fornecendo ao interlocutor mais informações dos participantes da comunicação.

Com a hipermídia, a gama de significações é possivelmente muito maior, pois várias linguagens participam da comunicação; é possível dizer que a comunicação se desenvolve de forma plena, os interlocutores conseguem desenvolver uma imagem do outro de maneira muito mais aprofundada. No entanto, essas representações do outro são cercadas de ideologias, as quais estão diretamente ligadas à cultura dos interlocutores.

Para apontar de que forma os indivíduos fazem a leitura de mundo, mais adiante exponho algumas noções sobre o que é cultura, pois os sentidos são atribuídos em virtude da realidade cultural daqueles que a vivem; sendo assim, falar sobre cultura é importante para compreender os diversos sentidos e linguagens envolvidos na comunicação.

Se a potencialidade da hipermídia na comunicação entre os indivíduos é fato, cabem também indagações acerca do sentido de produção e recepção, os quais também são foco principal da abordagem comunicativa. Finalizo este capítulo com as mesmas indagações do início sobre como a tecnologia está “entre o não ainda e o já passou”, a cada dia mais com novos avanços e ao mesmo tempo conectada com o que se conhece e se entende por tecnologia do passado, que também parece ainda não estar presente no cotidiano de muitas pessoas, as quais não conseguem utilizar e apreender as tecnologias e, quando conseguem, essas se tornam obsoletas e apontam para o “já passou”.

3 CULTURA DIGITAL, COMUNIDADES VIRTUAIS, INTERAÇÃO E TRANSCULTURALIDADE

Cultura. Alguns dizem que já nascemos com ela, outros defendem que ela é adquirida no meio em que o sujeito se encontra inserido; para outros, ainda, cultura pode ser transformada e expandida. Proponho aqui neste capítulo traçar um mapeamento com algumas noções sobre o que é e como se constitui a cultura, assim como evidenciar a razão pela qual escrever sobre cultura é um tópico importante neste estudo. Início fornecendo aqui algumas visões que se entrelaçam entre cultura e imagem que os indivíduos têm do outro nas relações que se estabelecem.

Para Bauman (2012), há uma série de oposições que deveriam responder às questões sobre o conceito de cultura, no entanto, se mostram tão ambíguas quanto ambivalentes, em uma fundição de temas que continuam nebulosos para muitos autores. O que se tem é um grande número de incompatíveis linhas de pensamento. Santos (1987) parece seguir esse mesmo pensamento, acreditando também que há muitas variáveis para o conceito de cultura, porém ressalta que isso se deve à multiplicidade de formas de existência.

É possível então dizer que quando se trata de cultura, existem múltiplas variações que abrangem a humanidade como um todo, e também pode haver variação entre grupos, desde grandes até pequenos povos, ou mesmo comunidades. Segundo Santos (1987), o caráter fundamental da cultura que temos que ter em mente é que ela se encontra relacionada aos sentidos que uma realidade cultural faz para os que a vivem, ou seja, é importante antes conhecer o contexto em que a cultura é produzida e entender a lógica interna (sentidos), para que suas práticas e concepções façam sentido para o estrangeiro.

Baseada nesse princípio de Santos, acredito que para entender as relações presentes e as perspectivas do futuro, entender o contexto contemporâneo é importante. Esse tema já foi abordado anteriormente, mas se faz novamente importante salientar como a sociedade contemporânea é caracterizada por alguns autores como líquida, imediatista, hiperconsumista, hedonista e individualista. Dialogando diretamente com essas visões, Mafessoli (2010) acredita que atualmente as pessoas vivem em tempos tribais. Para o autor, o tribalismo é antes de qualquer

coisa um fenômeno cultural, como uma revolução dos sentimentos. Dadas essas visões, aprofundo a leitura para compreender quais as relações entre essa sociedade assim nomeada e o uso das T.E.

Cada realidade cultural tem seus significados, costumes e concepções ligados à sua realidade cultural; assim sendo, as crenças, a forma de se vestir, o gosto musical, a maneira de expressar estão diretamente ligados a cada realidade cultural. Nesse sentido, Santos (1987, p. 8) afirma que “o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas”. Nessa direção, Mafessoli (2010) acredita que a compreensão dos costumes como fato cultural pode permitir uma apreciação da vitalidade das tribos metropolitanas, pois é dela que emerge a cultura informal na qual nos encontramos imersos. É nesse caminho que este estudo direciona a importância de levantar algumas noções sobre cultura, a qual oferece subsídios necessários para identificar e respeitar outras formas de expressão, assim como considerar as relações entre diferentes culturas. Quando o indivíduo conhece outra cultura, faz uma leitura muito mais profunda de si mesmo, como também de sua própria realidade, pois cada cultura é resultado de uma história particular e também de suas relações com outras culturas, que podem conter características bem diferentes. Este estudo se propõe a trazer algumas ferramentas que podem auxiliar o desenvolvimento de um olhar mais holístico sobre o tema em questão.

Há tempos os europeus tentaram utilizar uma visão única, que tinha por princípio que as sociedades humanas deveriam ser separadas por estágios, ou seja, tentaram classificar a cultura através de uma visão preconceituosa e discriminatória, na qual os europeus seriam os povos providos de uma cultura superior, e por esse motivo poderiam dominar e explorar os lugares nos quais, em sua visão, havia uma cultura inferior. Felizmente, estudiosos não legitimaram tal argumentação, pois não existe qualquer relação entre biótipo físico e formas de cultura que justifiquem tais pensamentos. Nesse sentido, Santos (1987, p. 13) assevera: “a diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza”. Seguindo o mesmo raciocínio de Santos, vejo a necessidade de entender outras culturas e, mais ainda, do ponto de vista do educador, vejo a indispensabilidade de alunos se apossarem de tais conhecimentos,

pois ainda existe muita discriminação, não somente entre diferentes povos, mas também entre comunidades muito próximas e até mesmo entre “tribos urbanas”. Assim, é importante que os alunos percebam que uma cultura não precisa se sobrepor à outra, pois isto acarretaria perdas históricas inestimáveis, e que percebam também não existem graus de superioridade ou inferioridade, o que existem são diferenças com as quais se deve dialogar a fim de buscar um enriquecimento para ambas as culturas.

A partir desse ponto, também é importante salientar a compreensão de uma cultura estrangeira como complexa, pois se deve ocupar um lugar de neutralidade para entender outra cultura de dentro para fora. Com semelhante visão, Santos (1987, p. 14) afirma “Verifica-se [...] que a observação de culturas alheias se faz segundo pontos de vista definidos pela cultura do observador, que os critérios que usa para classificar uma cultura também são culturais”. Disso não tenho dúvidas, pois o ser humano carrega consigo suas crenças e valores que são antes constituídos dentro do grupo e da cultura à qual pertencem. O autor ainda ressalta sua visão de que a avaliação de culturas e traços culturais é relativa, portanto fica a indagação sobre se é que existem caminhos para se realizar essa leitura cultural a partir de um ponto de vista imaculado.

Para Santos (1987), as culturas, assim como as sociedades humanas, se relacionam de modo desigual e, por consequência, resultam em desigualdades de poder, nessa direção, o autor acredita que não existe como refletir sobre cultura sem pensar nas desigualdades. Dessa forma, é necessário reconhecê-las e buscar sua superação. Também se faz necessário destacar que as experiências históricas que foram discutidas sob a luz da cultura tiveram um ponto em comum: tratava-se de unidades políticas com economias dominantes, como por exemplo, a Alemanha no século XVIII e também a Rússia no século XIX.

O estudo sobre cultura tem sido alvo de preocupações há várias décadas, para se entender os contatos que então se estabelecem, principalmente agora, na atualidade, de forma tão rápida, mas também para entender a história das culturas constituídas e até mesmo o desaparecimento de algumas devido aos contatos.

No início do capítulo mencionei que existem autores com pontos de vista divergentes quanto ao conceito cultura, e que se posicionam de maneira implícita, dificultando assim o entendimento. Como já dito, muitos têm hipóteses acerca do

conceito de cultura e a ligam a diversos aspectos, como por exemplo, tradições, educação, valores ou até mesmo ligando-a exclusivamente a manifestações artísticas. É nessa direção que Santos (1987) vai de encontro a especulações sem fundamento e afirma que não há motivo para tantas variações de significados, para o autor o foco é identificar as ideias e temas principais sobre os quais elas se sustentam, e buscar o motivo das variações.

Santos apresenta dois sentidos básicos para a concepção de cultura. A primeira remete aos aspectos de uma realidade social e o segundo está mais especificamente ligado ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Para o autor, é do relacionamento entre essas duas concepções que se origina a maneira de compreender cultura, que também pode servir de instrumento para conhecer a sociedade contemporânea. A fim de buscar o refinamento de entendimento, a cultura agora passa a ser entendida como dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão totalizadora, pois, entrecorta os vários aspectos dessa realidade. Ainda nesse sentido, Santos acrescenta:

Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência. Cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política. (p. 34)

Seguindo a visão do autor, é válido destacar que o surgimento desse pensamento não é universal, ou seja, ele pode variar de acordo com o processo social de cada povo, assim, discutir sobre cultura implica discutir o processo social concreto. Também é importante lembrar que as culturas humanas são dinâmicas, portanto, estudar as culturas contribui para o entendimento dos processos e das transformações atuais, uma vez que a cultura não é estática; ela está em constante transformação.

Santos considera os meios de comunicação de massa convencionais e emergentes como elementos da vida social; para o autor, esses penetram nas esferas da vida social dos sujeitos, dita, por exemplo, a maneira de se vestir, o que comer, onde passear, o que ler, o que assistir, o que consumir, etc. E fazem isso para atingir o controle das massas, não somente as menos favorecidas, como as de poder de aquisição também. Neste caminho, Santos J. reforça:

[...] não há dúvida de que essa cultura voltada para as massas é um elemento importante da discussão a respeito de cultura na sociedade moderna. Sua presença produz consequências objetivas nas visões de mundo das várias camadas da população, em seus planos de vida, em seus modos de agir. (SANTOS, 1987, p. 57)

Seguindo a mesma visão de Santos, tenho por hipótese que o rádio, a televisão e o cinema foram e até continuam caracterizados como meios de comunicação em massa convencionais, com impacto na vida cotidiana da maioria. No entanto, se faz perceptível que a cada dia estes meios vêm cedendo espaço à Internet, a qual vem transformando os hábitos das pessoas. A Internet, por sua vez, também traz o mesmo discurso dos meios de comunicação de massa convencionais, contudo, ela traz também a democratização que antes não era possível. Além disso, com a crescente utilização da hipermídia, ela vem mudando suas características de uso, como por exemplo, a interação ativa entre os sujeitos em lugar da passividade que durou muito tempo. Veremos, na sequência, que essas transformações, agora muito mais velozes, modificam também a cultura daqueles que as utilizam e, claro, essas são exprimidas na comunicação.

3.1 Cultura Digital e Midiática

Frente ao crescente uso das hipermídias e também ao aumento do uso do termo, é importante destacar novamente o momento que a sociedade está vivendo para compreender as relações que vêm se estabelecendo, envolvendo sociedade, cultura, T.E e hipermídia. Dessa forma, através do contexto da sociedade contemporânea, tento esclarecer o impacto da cultura de hoje sobre o cotidiano dos sujeitos e por que essa pode ser denominada “cultura da hipermídia”, como sugerem alguns autores.

Acerca das discussões sobre cultura e T.E., Bauman (2012, p. 69) afirma “a característica mais preeminente do atual estágio cultural é que a produção e distribuição dos produtos culturais agora adquiriram, ou estão em vias de adquirir, grande dose de independência em relação às comunidades institucionalizadas”. Ou seja, o autor acredita que as diferentes culturas ganham maior forma e vida fora de seu território (geográfico) ou território político imposto, e afirma, ainda, que isso não representa o fim das identidades culturais e sim a difusão de padrões e produtos culturais, para os quais hoje não existem barreiras territoriais geográficas, pois os

produtos culturais podem viajar livremente, o que antes não era possível, pois a cultura era “abrigada” nos corpos. Já no mundo contemporâneo, a presença das T.E. é a cada dia mais constante, esses “corpos” foram substituídos pela *web*.

Dessa forma, é possível depreender que, com o advento da Internet, as relações tornaram-se mais dinâmicas; não é mais necessário, por exemplo, ir até a África do Sul, para conhecer sua cultura, ou seja, a presença física não se faz mais necessária, pois através da *web* essas informações são disponibilizadas em um leque de amplitude de fontes de pesquisa. É possível estar em contato virtual com várias pessoas das mais diversas nacionalidades ao mesmo tempo, portanto, não existem mais territórios geográficos, já que a Internet traz a aproximação dos corpos.

É importante lembrarmos as mudanças que a presença das T.E. desenvolvem no ambiente em que são manuseadas. Para Santaella (2004), essa mudança é crucial; tanto que cria um novo conceito, o de “cultura digital”. A autora afirma que “a emergência da cultura digital e seus sistemas de comunicação mediados eletronicamente transformam o modo como pensamos o sujeito, prometendo também alterar a forma da sociedade” (p.126). De acordo com a autora, essa nova cultura acaba por formar múltiplas identidades e instaura formações sociais, as quais podem ser consideradas pós-modernas; para tanto, a linguagem tem papel fundamental, pois, de acordo com Santaella, “é através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural”. A linguagem mediada pelas mídias resignifica o sujeito; para a autora, uma vez que os corpos estão “plugados” em rede, o caminho emancipatório ocorre por meio das novas formações subjetivas da cultura digital contemporânea, e não nas metanarrativas da era moderna em processo de evaporação.

Dando continuidade a essa visão, a autora aborda mais conceitos para identificar o contemporâneo. Para Santaella, a cultura das mídias pode ser entendida como uma cultura intermediária, situada entre a cultura digital e a cibercultura; para ela, a cultura das mídias é uma dinâmica cultural, que se distingue da cultura de massa, como destaquei no início deste subcapítulo, pois antes era predominante o domínio dos meios de comunicação em massa, que ditavam regras e valores, o que Santaella considera como “cultura de massa”; já a cultura digital, devido ao surgimento de tecnologias segmentadoras, diversificadoras, que se adaptam mais a um público cada vez mais singular, no qual o sujeito pode realizar

suas próprias escolhas, como por exemplo, fazer, na biblioteca de seu iPad¹⁵, uma seleção de músicas das quais goste ou escolher somente os seriados que aos quais gosta de assistir, o que rompe de vez com a cultura anterior “de massa”, pois vem modificando aos poucos a autonomia e a democratização.

Para Santaella (2004), cada mídia tem uma função que lhe é específica, no entanto, é a cultura das mídias que tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis setores tempos e espaços. Ainda de acordo com Santaella (2004, p. 53), “a cultura midiática proporciona a circulação mais fluída e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades”.

A partir das concepções de Santaella, é possível perceber quão grandemente a cultura digital e midiática muda as formas de relações, assim como a leitura de mundo e, conseqüentemente, cria novas culturas. Diante do que foi mostrado neste subcapítulo, acredito que a marca do mundo contemporâneo são as culturas que se criam através da mediação com os sistemas de comunicação eletrônicos, que trazem novas práticas, instauram novas formações sociais e, dessa forma, em grande uma velocidade, realiza modificações linguísticas. Essas mudanças são diretamente ligadas aos interlocutores que participam da comunicação, ou seja, com a cultura da mídia digital, a leitura que os indivíduos fazem uns dos outros tem se modificado, pois essa contempla várias linguagens no ato da fala.

Ainda sobre as novas formações sociais, é importante destacar o lugar dessas relações e entender o que chama a atenção dos indivíduos para esses lugares virtuais, o que eles buscam e o que encontram nesses ambientes virtuais, como por exemplo, os *sites* de redes sociais, *blogs*, etc. No próximo subcapítulo, abordo o local virtual onde que ocorrem as relações entre os indivíduos deste estudo.

¹⁵ iPad é o nome de um *tablet* produzido pela empresa Apple Inc.. O iPad integra algumas funcionalidades de computador como aplicações, acesso à Internet e conteúdos da web, leitor de livro digital, músicas, vídeos, jogos, etc., funcionando como uma plataforma audiovisual.

3.2 Comunidades versus Redes

Com a mobilidade e a presença constante dos suportes tecnológicos, as pessoas estão cada vez mais ligadas à rede. Anteriormente essa conexão só se concretizava quase que somente por meio dos computadores pessoais, agora, o acesso é disponibilizado de muitas formas, por meio de vários suportes móveis, como, por exemplo, os laptops¹⁶, *tablets* e celulares. Assim, é possível acessar a rede de praticamente qualquer lugar. Ou seja, é possível afirmar que uma das maiores mudanças do mundo contemporâneo é a virtualização, pois muitas pessoas estão no modo *on* na maior parte do tempo. Com isso, a vida cotidiana sofre modificações advindas da mediação da tecnologia nas comunicações realizadas através dela.

Maffesoli (2010, p. 54) chama de “comunidade emocional” os reagrupamentos sociais que têm como característica o aspecto efêmero, a “ausência de uma organização e estrutura quotidiana”. Para o autor, estar ou não estar num grupo é decidido pela estética (o sentir em comum), a ética (o laço coletivo) e o costume. Essas são, para Maffesoli, maneiras seguras de se caracterizar a vida cotidiana dos grupos contemporâneos. Esta ideia de Maffesoli está relacionada às comunidades presenciais e não especificamente comunidades “virtuais”, apesar de os aspectos efêmeros estarem presentes. Hoje em dia, devido aos avanços tecnológicos, não é mais possível afirmar que comunidades são apenas “presenciais” ou mesmo comunidades formadas por características geográficas, como por exemplo, “o bairro ou local” em que se reside. Ideia compartilhada de certa forma com Gradinaru (2011, p. 148) que acrescenta: “o relacionamento cara a cara, a longevidade dos relacionamentos e a importância das áreas geográficas e de sua proximidade, tais conceitos relevantes necessários para definir a comunidade no sentido clássico agora são visivelmente modificados e até mesmo evitados”.

É possível visualizar como as T.E., em especial a Internet, abriram caminhos para que as comunidades mudassem sua forma “presencial” para “virtual”; agora é na rede ou através da rede, que tem se constituído essas relações. Em adição a isso, de acordo com Castells (2005), a Internet é sociedade uma vez que expressa

¹⁶ Laptop é um computador portátil, leve, projetado para ser transportado e utilizado em diferentes lugares com facilidade.

os processos, interesses, valores e instituições sociais. E, ainda, permite o desenvolvimento de uma série de novas formas de relações sociais.

Parece-me que a atual sociedade está diante de uma forma radicalmente nova de ler o mundo, antes pelo seu referente e agora pelas interações sociais, as “comunidades virtuais”. Portanto, neste texto, é pertinente um estudo mais aprofundado sobre redes *versus* comunidades “virtuais”, as quais, segundo Gradinaru (2011), têm se modificado com o passar dos anos. Isso se faz necessário para justificar a metodologia adotada neste estudo, a qual se realiza em uma plataforma virtual (comunidade ou rede virtual). Assim, destaco aqui algumas ideias sobre o assunto, como essas comunidades/redes são constituídas e a relação possível entre cultura digital e o aumento das relações virtuais.

Gradinaru (2011) percorre longos caminhos em busca de uma definição de comunidade, e são tantas e tão distintas ao mesmo tempo, que a autora prefere focar na composição e uso a buscar uma definição para qual talvez não exista sequer vocabulário suficiente. Assim, a autora assevera:

Devemos adotar a ideia de Nisbet de modo a evitar a “exasperação” sociológica pairando em torno do termo de comunidade: estamos, portanto, mais interessados na densidade da relação social expressa pela comunidade, bem como na maneira em que essa comunidade (no nosso caso, a comunidade virtual) pode contribuir para aumentar o interesse teórico das pessoas sobre isso, assim como para criar, na prática, vários grupos sociais. Em outras palavras, o que é, durante o século XXI, a relação entre o indivíduo e o grupo, entre individualismo e comunidade? (GRADINARU, 2011, p. 145)

A autora apresenta uma distinção entre comunidades através de um ponto de vista histórico; assim as distingue como: clássica, moderna, dialética e pós-moderna. Enquanto os três primeiros estágios estão associados a ideias de razão, tradição e progresso, o último, é caracterizado pelo “*nihilismo* hedonismo”. Apesar de a autora utilizar o termo pós-moderno, suas contribuições são revelantes para este trabalho que se situa no mundo contemporâneo.

Santaella (2004), ao contrário de Gradinaru, exemplifica o termo e destaca que as comunidades virtuais são hoje grupos de pessoas globalmente conectadas sob um mesmo interesse e afinidade, em lugar de conexões acidentais ou geográficas, e que no ciberespaço é possível fazer o que é feito pessoalmente, no

entanto, é realizado com palavras e na tela do computador; a autora ainda agrega outro nome para comunidades: “cibermídia”.

Gradinaru, ainda sem aprofundar mais a procura de definições para comunidades virtuais, acrescenta que as novas mídias trazem a possibilidade de criar novas formas sociais híbridas, que influenciam o social.

Comunidades *online* imediatamente desenvolvem verdadeiras redes de afinidades, informações e redes de ensino, redes de produção e de difusão de informações, assim como em uma série de informações e efetivas redes de intercâmbio que visam a pessoas que nunca se conheceram antes, a cooperação e redes de consultoria. (p.147)

Observo aqui que ambas as autoras destacam a comunidade virtual como um lugar para troca de informações e afinidades.

Santaella chama a atenção quanto à efemeridade, produto das comunidades virtuais que passam a ser cada vez mais frágeis. Isso ocorre devido à multiplicação de janelas digitais, isto é, produtos de tecnologia sem fio, hoje disponíveis em muitos lugares e também aqueles que são carregados com as pessoas, como palmtop¹⁷, celular, etc. Dessa forma, emergem não apenas comunidades virtuais, mas como ecossistema de subculturas, resultando numa mistura de micro, macro e megacomunidades, as quais abrigam milhares de microcomputadores.

As comunidades/redes virtuais podem se criar e estabelecer, muitas dessas de formas já pré-estabelecidas e outras podem se estruturar à medida em que são criadas. Conforme as relações entre os participantes são traçadas, o autor pode não ser o único a criar o espaço; os participantes também colaboram, em uma troca constante de papéis. Assim, o autor é usuário-interator e mesmo o propósito desse espaço pode ser mudado, como afirma Gradinaru (2011, p. 152).

[...] dentro da grande comunidades de usuários da Internet, dentro deste novo ambiente, um “natural” processo de diferenciação ocorre e novos seres nascem. Eles formam estruturas, eles tentam se organizar e, da mesma forma como no mundo em que vivem, eles sobrevivem ou não, tendo uma longa ou curta vida.

¹⁷ Palmtop (um assistente pessoal digital) é um computador de dimensões reduzidas, cumprindo as funções de agenda e sistema informático de escritório elementar, com possibilidade de interconexão com um computador pessoal e uma rede informática sem fios — Wi-Fi — para acesso a e-mail e Internet.

A autora acredita que nessas comunidades virtuais até mesmo o objetivo principal pode ser modificado pelos cidadãos daquela comunidade, e comunidades locais podem se transformar em sites de relacionamento. Gradinaru também lança alguns questionamentos, como por exemplo, quanto ao comprometimento dos participantes dessas comunidades, e mesmo quanto à legitimidade dos conteúdos postados, pois para ela as pessoas podem estar à frente de comunidades diluídas. Ainda sobre duração, a autora acrescenta que as invenções e as novas ferramentas estão sendo incorporadas às práticas cotidianas. Assim, se a pessoa já participou de atividades em comunidade *online* e quer aumentar a participação, por meio da Internet será possível, mas se a pessoa quiser ficar socialmente isolada, e ao mesmo tempo conectada ao que acontece no mundo, a Internet pode ajudá-la a fazer isso também Gradinaru (2011).

É pertinente destacar que as T.E. e as comunidades caminham lado a lado. É de conhecimento comum que tanto de forma presencial como virtual, os indivíduos podem mentir, omitir informações, se comprometer (ou não) de forma recíproca com o outro. Esse talvez seja um dos diferenciais da rede.

Acrescento a essa ideia que algumas das principais características das comunidades virtuais, são que elas podem contar com números variados de participantes e que, se houver laços fortes, as comunidades podem abrigar um número cada vez maior de usuário-interator. Para que isto ocorra, deve haver elos que permitam que os cidadãos interajam uns com os outros. Nesse mesmo pensamento, Santaella (2004) destaca que uma rede só acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizados pelo paralelismo e pela simultaneidade das múltiplas relações e como essas se desenvolvem. E Franco (2012, p. 13) acrescenta: “conhecer as redes é interpretar modos de interagir (reconhecendo padrões), o que só se pode conseguir interagindo (estabelecendo conexões)”.

Recuero (2004) também argumenta sobre a análise estrutural das comunidades virtuais, porém o foco da autora está sobre as redes de relacionamento, as quais, conforme indicado por Gradinaru, são comunidades com um número maior de participantes. No entanto, é importante a contribuição de Recuero, já que seus pensamentos e os de Santaella parecem estar em sintonia no que se refere à composição das comunidades virtuais. Recuero afirma:

A análise estrutural das redes sociais procura focar na interação como primado fundamental do estabelecimento das relações sociais entre os agentes humanos, que originarão as redes sociais, tanto no mundo concreto, quanto no mundo virtual. Isso porque em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social. (RECUERO, 2004, p. 3)

Tomando a direção de Recuero e Santaella para entender o que seriam nós, é possível dizer que existem, como características marcantes nas comunidades virtuais, os nós e as arestas. Castells (2005) parece compartilhar dos mesmos pensamentos ao afirmar que rede é um conjunto de nós interconectados. Para o autor, redes são estruturas abertas, capazes de expandir de forma ilimitada. Dessa forma, podem integrar novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação.

É interessante destacar a visão de Recuero quanto ao facebook, um *software* que tem como característica permitir que se monte uma rede com inúmeros nós por meio de arestas, elementos fundamentais da rede, que também contém um grande número de nós fracos, que são uma coleção de gente com as quais não existem vínculos ou mesmo afinidades muito grandes. Também é possível dizer que a partir do momento em que o indivíduo entra na *web*, ele está na rede (de relacionamentos).

Termino este estudo sobre comunidades e redes e me aproprio de alguns termos utilizados pelos autores, assim, escolho comunidade ao invés de rede, pois em minha concepção, o termo comunidade está mais ligado a relação de pessoas do que a rede, que pode conter inúmeros significados.

3.3 Participar versus Interagir

Muito se tem discutido acerca dos termos “participação” e “interação” e seus respectivos desdobramentos; também é frequente o uso dos conceitos de maneira confusa. O objetivo deste subcapítulo é mostrar algumas noções sobre as principais diferenças e similaridades entre participação e interação; com isso será possível escolhermos o termo mais apropriado que estará ligado à comunidade virtual deste estudo.

Para Bordenave (1983), a participação é inerente à natureza social do homem, acompanha sua história desde os tempos primitivos até hoje. O autor acredita que o homem precisa da participação, já que constitui sua história em

grupos, e não isolado. Desta forma, a participação está presente no dia a dia. Bordenave afirma que a participação tem duas bases complementares: a base afetiva e a base instrumental. Na primeira o sujeito participa porque isso lhe traz regozijo, e na segunda, por questões de praticidade. Bordenave (1983) apresenta algumas maneiras de participar:

- ✓ Participação de fato (esta se encontra na constituição da família e no culto religioso).
- ✓ Participação espontânea (esta é feita através das escolhas, como, por exemplo, um grupo de amizade e tribos urbanas).
- ✓ Participação imposta (estas são as obrigações impostas pela família e/ou tribo em que se convive).
- ✓ Participação voluntária (esta é criada pelo grupo dos participantes, como por exemplo, uma cooperativa, sindicato, associações, etc.).
- ✓ Participação manipulada (esta se trata de uma participação provocada por agentes externos).
- ✓ Participação concedida (esta é relacionada à participação de lucros, como acontece nas empresas).

Os exemplos acima são importantes para diferir participação e interação; conforme observado aqui, nenhuma dessas maneiras de participar se enquadra como conceito, pois não apresentam características que satisfaçam a ânsia para este estudo, o qual foca um trabalho colaborativo de produção de hipermídia.

Franco (2012), assim como Recuero, foca em seus estudos as redes sociais, porém apresenta conceitos e fornece exemplos de o que é rede; esses exemplos são mostrados aqui para tentar esclarecer as principais diferenças entre participação e interação. Franco apresenta em sua pesquisa três sistemas de rede: rede centralizada, rede descentralizada e rede distribuída, sendo que essa última, de acordo com o autor, sempre pareceu uma utopia, pois era difícil acreditar que uma rede cheia de nós poderia funcionar sem uma administração central. Ideias como essa foram deixadas para trás com o frequente acesso às redes sociais as quais chegaram como um vírus ao Brasil. Franco (2012, p.19) acrescenta que em qualquer lugar se pode fazer rede, e afirma:

Pouco importa se a estrutura dessas localidades ou organizações é vertical, hierárquica, centralizada: as pessoas que estão lá não são e não há como

impedir que elas se conectem horizontalmente, de modo distribuído, umas com as outras. E não importa se todas as pessoas não estiverem dispostas a fazer isso. E não importa se a maioria das pessoas em cada uma dessas territorialidades ou organizações for contra isso. A partir de três pessoas já é possível começar uma rede distribuída.

Entender que existem diferentes sistemas de rede é fundamental para as ideias que seguem adiante, portanto, na visão de Franco, participação é algo diferente de interação. A participação é convidativa uma vez que alguém crie uma organização, um sistema etc., pode-se participar, mesmo que essa participação seja esporádica. Bordenave (1983) entende que existem dois tipos de participação: a ativa e a passiva, a passiva seria estar no meio, mas sem necessariamente tomar parte, e a ativa indica um grau de participação no meio, mesmo que para essa última existam graus de qualidade em participação.

As ideias apresentadas sobre participação são exatamente opostas às da interação. Enquanto a participação precisa abrir portas para que se entre, Franco faz uma analogia entre interação e uma membrana (em um sistema distribuído); para esta não existe barreiras, os que estão em interação estão dentro; assim, é possível interagir sem a real necessidade de ser aprovado, recrutado e/ou admitido pelos que já estão lá. E o mais importante, só há interação quando o “sujeito” se encontra no meio.

É importante frisar que o participacionismo contaminou a *web 2.0*¹⁸. Franco (2012) acredita que o participacionismo regulou e centralizou a rede, classificando-a e hierarquizando, por exemplo, pelos mais comentados, mais seguidos etc. O que acabou formando “círculos internos”, e os demais, que pertenciam ao “círculo externo”, foram nomeados de usuários, públicos e (mero) participantes, com permissões mais restritas.

Em contrapartida, na interação não há regulações, esta é sempre realizada na base da abundância, nada é imposto, tudo depende da iniciativa das pessoas que interagem, como afirma Franco (2012, p. 38).

[...] em um sistema baseado na interação, nunca se decide nada em nome do sistema (a organização em rede), ninguém fala por ele, ninguém pode

¹⁸ O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web -- tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo.

representá-lo ou receber alguma delegação do coletivo (porque, na ausência de representação, esse “eu = ele” coletivo não pode expressar-se (por hipóstase) como um ser de vontade ou que seja capaz de acatar qualquer vontade, ainda que fosse a vontade de todos). E não há deliberação porque não há necessidade de deliberar nada por alguém ou contra alguém ou a favor de alguém (que tivesse que delegar ou alienar seu poder a outrem).

Após apresentação das noções de participação e interação, no que concerne às características de comunidades virtuais, utilizarei o termo interação, pois conforme já mencionado uma comunidade virtual se constitui como um espaço virtual, composto por “nós” (participantes) conectados por afinidades ou não “arestas” (laços sociais) advindos da interação social. Essa interação está completamente ligada às ideias de Franco quanto às características da interação como espaço democrático, que só acontece na interação dos envolvidos e onde a regularização é pluriárquica.

3.4 A Interação na hipermídia

No texto acima foram apresentadas noções sobre participação e interação, e pude perceber que o que deve acontecer em uma comunidade virtual é a interação. Nesse mesmo caminho busco compreender como a interação ocorre em um sistema hipermidiático.

Segundo Leão (1999), existe interação na hipermídia, no entanto, essa somente ocorre se o leitor também for autor, em uma troca de significações. Dessa forma, à medida que a hipermídia se corporifica na interface entre os nós da rede e a escolha do leitor, esse se transforma em outra personagem. Para Leão, o leitor é agora também o construtor de labirintos, onde não existem mais papéis definidos entre leitor e autor, como se costumava pensar ou ser. A autora afirma “esta dissolução de papéis tem provocado uma série de transformações. Até mesmo a maneira de apresentação de ideias deve ser repensada” (1999, p. 23).

Ora, Franco fala sobre as redes enquanto Leão assevera acerca da hipermídia, sendo que ambas fazem parte deste estudo, pois a comunidade virtual se constitui por meio da presença de vários nós conectados à rede, e é na hipermídia que eles irão interagir. Observo, assim, que Franco e Leão têm visões semelhantes acerca da interação, pois conforme mencionado pelos autores, essa precisa de troca constante, porque rede é fluidez (FRANCO, 2012), e não

hierarquiza os que estão dentro dela, sendo que a democracia é uma das marcas dessa interação.

Quanto à presença da interação na hipermídia, Cintra (2003, apud Santaella, 2004) assevera que a oferta de acesso não linear ao conteúdo, junto com as possibilidades para o usuário acrescentar ou escrever no texto híbrido, é o que vem sendo chamado de interatividade. É notável que Cintra se refira à interação que ocorre na hipermídia, no entanto, a autora usa o termo interatividade, para o qual existe outro conceito, como por exemplo, na visão de Santos (2009, p. 25): “a interatividade é o elemento que diferencia uma simples mídia digital de uma hipermídia. Através dela, os fluxos da aplicação, as próprias mídias e os comportamentos serão autônomos, pois alterados segundo os interesses do usuário”. Por mais tentador que seja iniciar uma nova busca referencial sobre os conceitos de interatividade, neste estudo vou me restringir a buscar somente as visões acerca de interação na hipermídia.

Dentro do que já fora estudado sobre hipermídia, foi salientado que a hibridização é uma das características da linguagem hipermidiática; a hipermídia tem a capacidade de gerar sentidos voláteis e polissêmicos que envolvem a participação ativa do usuário (Santaella, 2004), ou seja, as mídias digitais trazem e acoplam em si vários meios, que podem ser traduzidos para uma mesma linguagem. No entanto, para que isto ocorra, é necessária a participação ativa do usuário-interator, o qual, de acordo com Bairon (2011), é comparado a uma casa, que seria a Linguagem do ser e, com o advento da hipermídia, agora os sujeitos têm uma nova casa, onde só é possível a habitação por meio do construir.

Finalizo este subcapítulo tomando as ideias de Santaella e Bairon, as quais se completam no sentido de que é somente pela interação que de fato se alcança e ou se explora a hipermídia. A condição para que essa totalidade ocorra é um local virtual, o qual Recuero apresenta como lócus. De acordo com Recuero, o lócus pode ser o lado virtual, um *blog*, um *site*, enfim, um suporte. Assim compreende-se que o lócus é o lugar onde ocorrem as relações, no qual, no caso deste estudo, será um *site* construído para hospedar as produções de hipermídia e discussões da comunidade cultural, por meio de comentários e vídeos feitos em resposta, postados no fórum por alunos do Brasil e de Uganda.

3.5 Transculturalismo

Este subcapítulo acerca-se da possibilidade de uma abordagem transcultural, assim como noções sobre transculturalidade. Esse tema é relevante, pois é a partir daqui que se baseia a metodologia utilizada neste estudo.

Santana (2010) acredita que a miscigenação levou ao que ele conceitua como “mosaico linguístico e cultural de nossa adversidade”. Na visão do autor essa adversidade é de extrema importância, pois é primordial compreender com visibilidade e problematizar radicalmente as tramas, os labirintos da constituição dessa diversidade, ou seja, ter consciência deste mosaico linguístico e cultural é primordial para que os sujeitos entendam sua própria história e lugar no mundo e, conseqüentemente, entendam como são as relações formativas e qual sua importância na constituição dos sujeitos de hoje.

Santana chama a atenção quanto aos benefícios de um projeto pedagógico/plano/metodologia para serem desenvolvidos na escola. De acordo com ele, os alunos podem ser grandemente beneficiados com a existência de processos que viabilizem a transculturalidade, como por exemplo, quanto ao que concerne às identidades, leitura de mundo e redução de preconceitos. Nesse sentido, Santana (2010, p. 104) assevera: “construir um Projeto Político-Pedagógico que tenha a diversidade como um foco formativo é essencial para a consolidação de uma mentalidade antirracista, antissexista, anti-homofóbica, igualitária formal e substantivamente”.

Embora Santana aponte os benefícios de um projeto pedagógico com vistas à leitura de mundo, Peixoto (2009, p. 52) afirma que “as instituições, sejam estas da educação, da saúde, dentre outras, pouco movimentam a diversidade social e cultural para que esta se entrelace e se contagie, complexamente, com as múltiplas formas de vida e de estar no mundo”. O autor faz crítica quanto às múltiplas formas de subjetividade presentes na escola, as quais são sufocadas, pois não encontram espaço de expressão em suas mais variadas formas na escola, resultando assim na ausência da democracia.

Com base nas visões de Santana e Peixoto, entendo o quão necessário é repensar novas práticas na educação de hoje em dia, pois acredito serem escassos os planos pedagógicos e métodos que levam em conta o processo formativo dos sujeitos, em suas mais variadas formas. Em visão similar, Peixoto faz uma crítica

quanto às práticas educativas que visam o olhar tecnicista e conteudista na escola; o autor, em seus levantamentos, afirma que “estas vêm servindo à lógica mercantil que vende conceitos, signos, ideias, valores, em nome de uma sociedade que não respeita as diferenças, não respeitando, por sua vez, o direito a ser diferente e, com efeito, a garantia de direitos a todos” (2009, p. 56). Em acréscimo às visões de Peixoto, Santana (2010, p. 103) ressalta a importância dessas práticas na Educação: “acreditamos que repensar a Educação escolar, a fim de contribuir efetivamente frente à construção de identidades policêntricas, é mexer profundamente com os processos constitutivos, é desenhar e experimentar novas perspectivas formativas”.

Ora, com base no que foi apresentado até aqui, ressalto a relevância de abordagens e projetos pedagógicos voltados ao processo formativo dos sujeitos, no caso deste estudo, um projeto de ensino de L.I que leve em conta o uso atual do Inglês, ou seja, que agregue as múltiplas linguagens presentes na comunicação, as quais podem ser usadas com complementaridade por meio da hipermídia em uma abordagem transcultural.

Bauman (2012, p. 69) afirma que “uma vez que cada cultura divide o universo cultural em ‘dentro’ e ‘fora’, há pelo menos duas – é provável que haja infinitas-formas de interpretar o significado dos produtos culturais”, portanto, o autor acredita que uma vez em contato, culturas diferentes saem desse encontro modificadas, diferentes do que eram no começo, em um convite a conhecer os outros como forma de conhecer a si mesmo.

Neste mesmo caminho acerca da transculturalidade, Santana (2010, p. 101) ressalta que “o diálogo é elemento central, estruturador. Ele exige abertura e conhecimento crítico sobre o outro. É impossível transitar de forma respeitosa sem abertura para dialogar”. Seguindo esse pensamento, Peixoto (2009, p. 58) acrescenta: “pensar a experiência transcultural será abrir as percepções, os sentidos, flexibilizando nossos valores e crenças. Será poder se permitir ser tocado pelas diferentes formas de ver, sentir, pensar o mundo”. Com o intuito de detalhar tal visão sobre transculturalidade, Peixoto (2009, p. 65) afirma:

[...] realidades que, antes nunca puderam entrar em contato, ampliam seus pontos de vista quando são tocadas pela diversidade de outros olhares. Novos sentidos começam a emergir, novos comportamentos começam a surgir. Vemos que o respeito pelas diferenças, o preconceito e os estigmas

começam a se diluir de pouco a pouco. Vê-se que esta mudança se opera gradualmente, sem imposições, sem coerções. Nesta esfera, o sentido faz sentido porque é sentido.

A abordagem transcultural é capaz de construir novos sentidos, pois trabalha através do processo formativo do sujeito e considera todas as suas subjetividades, ela também se entrelaça com outros modos de sentir e ler o mundo em uma busca de resignificação constante.

Assim, em concordância com as visões de Peixoto, acredito que a criação de um espaço no qual acontece um atravessamento de olhares distintos sobre a vida, com a possibilidade de diálogos de forma autêntica é fundamental para o conhecimento. O ensino de L.I necessita de uma abordagem de uso atual, o que proponho neste estudo através da experiência transcultural com a utilização de hipermídia.

4 METODOLOGIA

A metodologia de um estudo apresenta os processos orientados por uma habilidade crítica para a construção da ciência. Nesse sentido, Siqueira et al. (2007, p. 15) afirma que “metodologia científica é o estudo dos métodos de conhecer, de buscar o conhecimento, é a forma de pensar para se chegar à natureza de um determinado problema, seja para explicá-lo ou estudá-lo”, na mesma direção, Barros e Lehfeld (2000, p. 55) acrescentam que os “métodos científicos são as formas mais seguras inventadas pelo homem para controlar o movimento das coisas que cerceiam um fato e montar formas de compreensão adequadas dos fenômenos”.

Assim, apresento inicialmente neste subcapítulo a escolha metodológica que melhor supre as necessidades deste trabalho. Em seguida, apresento o contexto, assim como os participantes. Por último, os instrumentos para coleta de dados utilizados na presente metodologia.

4.1 A escolha metodológica

Devido à estrutura e características é possível compreender que esta pesquisa se insere dentro do paradigma de abordagens qualitativas, portanto, ela será utilizada para responder as perguntas que norteiam este trabalho.

A pesquisa qualitativa em educação se encontra conectada a diferentes modalidades de investigação. O presente trabalho de pesquisa envolve o desenvolvimento de um projeto de criação de hiperídia em uma sala de aula de Língua Inglesa e, portanto, realizarei um estudo de caso. Esse consiste na observação atenta de algo, e envolve técnicas de apresentação de dados em uma discussão qualitativa dos resultados pré-dispostos, a intervenção; em outras palavras, o professor-pesquisador pode intervir durante o processo, ao contrário de uma pesquisa em laboratório, onde a intervenção não é possível. Esta pesquisa também é de natureza participativa, uma vez que a professora irá fazer ajustes nas propostas e nas atividades no decorrer do plano de ensino que é apresentado mais abaixo.

Como já foi dito, este estudo se qualifica como estudo de caso, pois observa um grupo de alunos de L.I. Siqueira et al. (2007, p. 55) afirma que o estudo de caso “é um tipo de estudo circunscrito a uma ou poucas unidades, podendo ser uma

pessoa, família, grupos, entidades, organizações, comunidade, país. Tem o caráter principal de profundidade e detalhamento de fatos”. Ainda nessa mesma linha de pensamento, Barros e Lehfeld (2000) asseveram que o estudo de caso está voltado para a coleta e registro de informações sobre um ou vários casos particulares, que são elaborados em relatórios críticos organizados e avaliados, que abrem espaço para decisões e intervenções.

Para melhor visualizar o panorama deste estudo, apresento a seguir o contexto da pesquisa.

4.2 Contexto da Pesquisa

A presente pesquisa será realizada durante as aulas de Língua Inglesa com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Técnica Estadual (ETEC) da cidade de Sorocaba/SP. Na sala de aula utilizada para desenvolver a pesquisa há 40 alunos, na faixa de 16 a 18 anos de idade. Entre as várias turmas do terceiro ano do Ensino Médio para as quais leciono, a sala de aula escolhida para este estudo é caracterizada pelo trabalho que vem sendo desenvolvido por mim (professora) com os alunos, desde o ano de 2012, com trabalhos que envolvem uso das T.E.. Entretanto, as propostas até então apresentadas não atingiam os propósitos comunicativos atuais do uso da Língua, como esperado, razão pela qual proponho agora uma nova atividade que combine tecnologia e uso atual da Língua Inglesa.

Os alunos têm duas aulas de Inglês semanais, com duração de cinquenta minutos cada, e a referida escola conta com doze salas de informática. Cada sala possui, em média, quarenta computadores novos com acesso à Internet. Para o desenvolvimento do projeto em questão, serão necessárias dez aulas.

Este trabalho procura investigar o uso dos recursos da hipermídia por alunos de L.I., em situação atual de comunicação. As questões que norteiam a presente pesquisa são:

- ✓ Como utilizar o meio digital / hipermídias para desenvolver uma proposta de ensino de Língua Inglesa transcultural?
- ✓ O que muda em relação às outras abordagens de L.A.?

4.3 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta de dados para este estudo ocorre em função da consecução de um plano de aula. Para a confecção do referido plano utilizarei a metodologia do curso “*Adobe Youth Voices*”,

4.3.1 Instrumentos de coleta de dados

O programa *Adobe Youth Voices* “Educadores Globais” escolheu dez professores de diversas disciplinas no estado de São Paulo para participar do programa de letramento digital em 2011; eu, professora-pesquisadora, fui uma das selecionadas pelo Programa. O curso contou com quatro *workshops* presenciais em São Paulo, nos quais professores puderam aprender a manipular os programas de edição de vídeo (Adobe Premiere) e edição de imagens estáticas (Photoshop). Após o primeiro *workshop*, os professores foram convidados a interagir em uma plataforma virtual e também foram divididos em grupos com professores de outros países. Em meu grupo, por exemplo, havia professores da Rússia, China, África do Sul, etc. O curso abrangia o letramento digital e multiletramentos, assim como a troca transcultural entre professores. Após o programa, os professores participantes foram credenciados pela *Adobe Youth Voices* como Educadores Globais, e até o presente momento os participantes recebem conteúdos referentes aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos de educadores ao redor do mundo, e podem participar dos diversos sites. Também nos é possível postar produções de hipermídia e comentar trabalhos realizados por outros participantes.

A participação no curso de Letramentos Digitais e Múltiplas Linguagens da *Adobe Youth Voices* foi, com certeza, o estopim para que inquietações acerca do uso das diversas linguagens, ensino de Língua Inglesa e uso de hipermídia, suas potencialidades e desdobramentos fomentassem meus pensamentos, para que hoje fosse possível a realização deste estudo.

A partir deste ponto, desenvolvo uma proposta de ensino de L.I por meio de hipermídia, envolvendo países e culturas diferentes através da elaboração de vídeos, os quais agregam várias linguagens orquestradas para que os produtores e receptores utilizem as múltiplas linguagens para transmitir, receber e negociar significados uns com os outros, conforme o plano de aula descrito abaixo.



PLANO DA AULA

❖ Objetivo

Espera-se que no final deste plano os alunos apresentem resultados satisfatórios no que concerne ao uso comunicativo atual de L.I, e a utilização de múltiplas linguagens por meio de hipermídia.

❖ Horas/aulas

Previsto o total de oito aulas, com duração de cinquenta minutos cada, entre a apresentação do projeto até os primeiros comentários entre os alunos sobre as hipermídias produzidas.

❖ Participantes

Alunos do 3º ano do Ensino Médio. Sala com quarenta alunos, divididos em grupos de no máximo cinco pessoas.

❖ Metodologia

A metodologia que será utilizada neste estudo segue a seguinte programação:

- 1ª aula: Introdução às hipermídias: o que é mídia.

Alunos, divididos em grupos de no máximo cinco pessoas e com auxílio do professor, pesquisam na Internet as definições para hipermídia e, oralmente, compartilham os resultados da pesquisa, discutindo o tema.

Os grupos assistem às produções (vídeos) apresentadas, analisam e discutem verbalmente. Por último, um representante escreve as primeiras impressões de seu grupo quanto aos aspectos estéticos (visual e produção) dos vídeos, e quanto às mensagens (linguagem utilizada): se essas atingiram seus objetivos propostos através da estética e da linguagem e de que forma esses vídeos poderiam ser potencializados.

- 2ª aula: Relações entre as linguagens (técnica e mensagem) na hipermídia.

Com base nos vídeos que foram apresentados, os alunos discutem verbalmente entre os colegas do grupo sobre o tema “questões sociais”; depois escolhem o tema que acham de maior importância. Na sequência, os alunos apresentam os temas que cada grupo definiu previamente, apresentando verbalmente, em português, para a sala, expondo os motivos que os levaram a escolher o tema em questão.

- 3ª aula: Definição do tema, gênero e tempo de duração do vídeo.

O professor apresenta os temas que serão trabalhados com os grupos¹⁹. Os alunos discutem verbalmente suas ideias iniciais sobre o tema proposto. Também é apresentado o gênero “documentário” para as produções. Com o uso do recurso do Power Point o professor projeta e explica para os alunos as características do gênero documentário e depois apresenta um vídeo produzido pela *Youth Voices*, em que aparece o gênero selecionado. O professor também apresenta *links*, como sugestão de sites para consulta do gênero²⁰; o material também será postado no grupo do terceiro ano do Ensino Médio, no Facebook.

- 4ª aula: Apresentação do material da *Youth Voices* – Uso da câmera

Sempre em grupos, os alunos recebem um roteiro para a produção de hipermídia (APÊNDICE A)). O objetivo é que eles produzam um vídeo com três a cinco minutos de duração. Com a mediação do professor, os alunos iniciam o planejamento..

O professor apresenta para os alunos *slides* (APÊNDICE A) fornecendo aos alunos técnicas sobre manuseio de câmeras, técnicas essas necessárias para

¹⁹ Neste estudo, os temas escolhidos pelos alunos foram: “O que é felicidade” e “Coisas impossíveis”.

²⁰ Para o trabalho desenvolvido neste estudo, os sites indicados aos alunos foram:

<http://tv.adobe.com/watch/adobe-youth-voices/a-voice-for-orphans/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Document%C3%A1rio>

<http://lazer.hsw.uol.com.br/documentario.htm>

<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/camera-na-mao-boas-ideias-cabeca-530166.shtml>

atingir seus objetivos na produção dos vídeos²¹, e também um vídeo (APÊNDICE A) que ilustra, em slides, as técnicas utilizadas no manuseio da câmera.

- 5ª aula: Aula sobre consciência cultural

O professor apresenta uma citação e o vídeo (APÊNDICE A) para ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema; depois eles leem um artigo do jornal *The Guardian* (APÊNDICE A) sobre a importância da consciência cultural. Os alunos fazem a compreensão do texto e depois discutem oralmente sobre o tema. Como tarefa para casa, o professor pede que os alunos pesquisem sobre Uganda, país para o qual eles vão produzir as hipermídias, e que escrevam sobre a cultura, língua, pratos típicos e fatos curiosos sobre aquela nação.

- 6ª aula: Consciência cultural.

Os alunos apresentam os resultados de sua pesquisa e discutem sobre suas pré-concepções e suas ideias após a pesquisa.

- 7ª aula: Apresentação dos vídeos – 1ª Avaliação

Os alunos apresentam suas produções de hipermídia para a sala. Dá-se procedimento a comentários e análise informal das técnicas e linguagens utilizadas nas produções.

A avaliação do produto (*feedback*) pelo professor, quanto ao uso da Língua Inglesa nas hipermídias (problemas gramaticais, pronúncia, erros de ortografia, etc.), correção juntamente com os alunos e realização de uma análise do erro.

- Nota: Sistematização

De acordo com a proposta de currículo por competência para o Ensino Médio norteador da prática pedagógica do Centro Paula Souza ETEC, e o plano de trabalho docente desenvolvido pela professora para o ano de 2013, as expectativas trabalhadas são:

²¹ Os slides apresentados neste trabalho foram confeccionados pela professora-pesquisadora durante sua graduação.

- **3ª série:** função 1. Representação e Comunicação.
 - ≡ Competência: Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação, em situações intersubjetivas, adequando-as aos contextos diferenciados dos interlocutores e das situações em que eles se encontram.
 - ≡ Habilidades: Perceber a pertinência da utilização de determinadas formas de linguagem de acordo com diferentes situações e objetivos. Colocar-se no lugar do interlocutor ou do público alvo e adequar as formas e meios de expressão às suas características específicas. Selecionar estilos e formas de comunicar-se ou expressar-se adequados aos discursos científico, artístico, literário ou outros. Utilizar textos e discursos que, na forma e no conteúdo, sejam mais adequados para contestar, esclarecer, fundamentar, justificar, ilustrar ou reforçar argumentos.
 - ≡ Valores e Atitudes: Valorização do diálogo. Respeito às diferenças pessoais. Preocupação em se comunicar de forma a entender o outro e ser por ele entendido.

- 8ª aula: 2ª Avaliação

Comentário dos alunos de Uganda. Retorno dos interlocutores sobre o entendimento dos vídeos.

4.4 Coleta de dados: plano efetivado.

Tendo produzido o plano de aula acima descrito, as etapas da pesquisa foram realizadas com procedimentos distintos a cada etapa, como segue.

- ✓ **Negociação da divulgação dos vídeos:**

Na 6ª aula, na qual os alunos apresentaram seus vídeos, foi discutido com eles sobre a divulgação das hiperfídmias. É importante ressaltar que os alunos, desde o início do projeto, já sabiam que se tratava de um trabalho colaborativo transcultural.

Sendo que todos concordaram com a publicação das produções, seria construído pela professora, um *site* no servidor (Wix) para postagem das hipermídias produzidas. Além das hipermídias produzidas, seriam também postadas algumas informações sobre o projeto transcultural. Os vídeos foram postados após a 6ª aula.

✓ Contato com alunos de outro país

O contato com os alunos convidados a participar deste projeto colaborativo foi feito um mês antes do início do projeto, via Facebook, através do educador Chole, que desenvolve projetos colaborativos com uso de mídias e letramento digital. Ele ficou de selecionar um mínimo de oito alunos para analisarem e comentarem as hipermídias postadas no *site*.

4.4.1 Definição dos instrumentos para a Coleta de Dados

Os requisitos abaixo correspondem aos instrumentos necessários para o procedimento de análise de dados.

- a. Texto de reflexão produzido pelos alunos na 5ª aula;
- b. Roteiro para hipermídia elaborado pelos alunos e mediado pelo professor;
- c. Produto final: a hipermídia pronta;
- d. Retorno escrito dos interlocutores (de Uganda);
- e. Uso da L.I. e linguagens – análise elaborada pelo professor
- f. Entendimento do retorno (texto dos alunos sobre a resposta escrita que receberam dos interlocutores);
- g. Vídeo produzido pelos alunos de Uganda (análise do vídeo pelos alunos);
- h. Diário de bordo (exposição dos pensamentos e dramas vividos pela pesquisadora).

4.5 Procedimentos para Análise de Dados.

As análises que seguem foram realizadas a partir dos “Instrumentos para a Coleta de Dados” acima expostos. Foram escolhidos três vídeos para análise.

Assim, para cada instrumento (a-g) as informações apresentadas são, respectivamente, as análises dos produtos dos grupos I, II e III.

a. Texto de reflexão (em inglês) produzido pelos alunos na 5ª aula

Na 5ª aula, os alunos fizeram uma pesquisa e apresentaram um resumo escrito comentando sobre os aspectos físicos, culturais e religiosos e curiosidades sobre Uganda. Um representante de cada grupo entregou um texto com a síntese do trabalho desenvolvido pelo grupo. Foram realizadas análises da comunicabilidade dos textos em Língua Inglesa, e também apontamentos quanto a marcas culturais das produções dos três grupos, conforme o quadro abaixo.

ANÁLISE ►	COESÃO	COERÊNCIA	MARCAS CULTURAIS
Grupo I	Incidência de erros no emprego da preposição (at, in, on). Uso incorreto de pronomes demonstrativos. Uso incorreto dos pronomes reflexivos (itself, themselves). Uso incorreto de transitivos.	Texto apresenta conclusões mal definidas. Introdução ao tema pouco expositiva. Repetição de ideias.	Em Uganda as pessoas são mulçumanas. As mulheres usam véu. E são pobres. Existem muitos tabus.
Grupo II	Uso incorreto de pronomes demonstrativos. Erros no uso de pronomes possessivos, adjetivos e advérbios.	Problemas de pontuação (vírgula separando o sujeito do verbo). Parágrafo incorreto desestruturando o texto, portando sem sentido. Informações desnecessárias (não pertinentes ao tema).	As pessoas são muito religiosas, as mulheres são submissas aos maridos. É um país muito pobre, as pessoas carecem do básico para sobreviver, como por exemplo, de comida.
Grupo III	Emprego incorreto de tempos verbais (passado simples), verbos auxiliares, adjetivos e pronome possessivo, e uso incorreto de gerúndio.	Falta de argumentos que dão sustentação ao que está sendo exposto. Repetição de ideias. Desvio do tema na sua conclusão	Uganda é um país extremamente violento. As pessoas são negras e existem muitos grupos radicais. Pessoas são muito pobres. A maioria da população vive em tribos. Somente as pessoas mais prestigiadas têm acesso à tecnologia.

Conforme as análises dos textos elaborados em Inglês pelos grupos I, II e III, é possível verificar que existem problemas quanto à coesão gramatical (uso dos artigos, adjetivos, pronomes, preposições e tempos verbais).

Quanto à coerência, verifiquei a organização, o desenvolvimento e a sequência coerente de ideias. Atribuo como possíveis causas de incoerência as repetições excessivas, desvio de foco do tema e ausência de alguns elementos como conectivos e pronomes demonstrativos.

Como marca cultural é possível identificar que, naquele momento, os alunos possuem muitas crenças e visões particulares sobre Uganda. Acreditam que se trata de um país muito pobre e que as pessoas, em geral, não têm acesso às T.E. Existem, de acordo com suas exposições, muitos tabus, principalmente para as mulheres. A violência também é apontada pelos alunos como uma característica do país.

b. Roteiro para hipermídia elaborado pelos alunos e mediado pelo professor.

O roteiro para hipermídia foi realizado em sala de aula, mediado pela professora-pesquisadora. O foco foi verificar se, verbalmente, o roteiro estava de acordo com o “roteiro para produção de hipermídia”, o qual já havia sido entregue aos alunos. As análises seguem abaixo, pré-dispostas em quadro para melhor visualização.

	Categorias de análise visando à linguagem	Exemplos do roteiro original	Suposta reformulação	Características técnicas
Grupo I	Vocabulário inadequado	What you think about happiness.	What do you think about happiness?	Uso do efeito sonoro para as mudanças de cenas. Utilização do plano americano
Grupo II	Faltou clareza Não utilizou expressão adequada	Do you believe in love when you meet someone at the first meeting?	Do you believe in love at first sight?	Utilização dos planos de câmera (<i>zoom in</i> , <i>zoom out</i>). Uso de música para efeito sonoro.
Grupo III	Palavra não específica. Faltou clareza	What do you imagine is not impossible for people who believe?	<u>In your opinion, what's impossible?</u>	Uso da técnica <i>dolling</i> . Uso de <i>zoom</i> nos entrevistados.

c. Produto final: a hipermídia pronta

A compreensão dos alunos em relação aos vídeos produzidos pelos três grupos (foco da metodologia) foi registrada por meio de uma síntese elaborada pelos alunos em seus respectivos grupos, sobre cada vídeo apresentado. Esses dados foram importantes para investigar se os mesmos compreenderam o processo e se desenvolveram um olhar crítico na produção de hipermídia.

De acordo com os alunos, temos que:

- ≡ O vídeo do grupo I apresentou uma linguagem universal que é composta de memórias de infância, o que, segundo os alunos, as pessoas carregam consigo, além de muitos aspectos em comum, como o gosto por leitura, música e *video game*. Quanto à estética, os alunos acharam que o cenário poderia ter sido mais colorido, porém também destacaram que se o fundo branco fosse alterado, talvez fosse mais complicado adicionar os efeitos. A mensagem foi clara, mas o vídeo foi “muito parado” faltou “interação”.
- ≡ O vídeo do grupo II foi fiel ao tema, no entanto, o vídeo apresentou problemas culturais como tabu, pois contém cenas de beijos entre jovens dentro da escola, e é possível que em Uganda eles não tenham esse tipo de liberdade para se relacionar. Quanto à estética, a música foi fiel ao tema e as legendas sincronizadas com as imagens. A mensagem foi objetiva.
- ≡ Em relação ao vídeo do grupo III, os alunos acharam que o grupo utilizou as técnicas de manuseio de câmera. O tema apesar de ser muito abstrato apresentou respostas que vieram ao encontro do que também pensam sobre coisas impossíveis. Os alunos entenderam que mais pessoas poderiam ter sido entrevistadas para obter mais respostas variadas.

d. Uso da língua inglesa e linguagens utilizadas.

Após análise das hipermídias apresentadas feitas pelos dos alunos, seguiram-se minhas análises quanto às relações entre linguagens do produto final e marcas culturais. Utilizo como categorias para análise do produto as ideias apresentadas por Bairon (2011) e Gosciola (2003), discutidas na subcapítulo 2.2.5 “A hipermídia”. Os autores definem a hipermídia como produto de acesso não linear (presença de *links*), com navegabilidade, interatividade e centralidade em conteúdos visuais (imagem). Dessa forma, a análise das produções foi baseada sob esses aspectos.

Análise do Vídeo-Grupo I

Linguagens Utilizadas	Roteiro
<p>Áudio: o áudio escolhido é sincronizado no começo do vídeo, através da utilização de trilha sonora. Depois, é utilizada uma música em português. Levando em conta que os interlocutores são de Uganda não há complementaridade. Os alunos deveriam ter continuado o vídeo com a trilha sonora ou uma música em inglês.</p> <p>Imagem: a imagem estava sincronizada com os textos e legendas, assim houve uma complementaridade.</p> <p>Texto: quanto ao texto, os alunos utilizaram o recurso da legendagem, no entanto, havia erros de grafia em inglês.</p>	<p>Montagem: os alunos utilizaram o efeito clone. Não utilizaram nenhum outro recurso, o que empobreceu o vídeo. O vídeo é linear.</p> <p>Gênero: documentário</p> <p>Manuseio da câmera: foi utilizada uma câmera, praticamente frontal. Foram usados poucos recursos expressivos.</p>

Análise do Vídeo-Grupo II

Linguagens Utilizadas	Roteiro
<p>Áudio: o áudio escolhido não é complementar para o receptor, pois a música escolhida “o samba do approach” não faz sentido para os interlocutores, que são os alunos de Uganda. Os alunos deveriam ter usado uma música em inglês ou uma trilha sonora.</p> <p>Imagem: a imagem estava sincronizada com os textos e legendas, assim, houve uma complementaridade.</p> <p>Texto: quanto ao texto, os alunos utilizaram o recurso da legendagem, a qual continha alguns erros de grafia e faltou uma palavra em um dos <i>slides</i>. Os alunos também utilizaram como recurso <i>slides</i> de Power point, que é um recurso dos primórdios do cinema, mais precisamente do cinema mudo.</p>	<p>Montagem: a montagem foi elaborada, os alunos usaram um sistema de efeito cíclico, no entanto, a montagem é linear.</p> <p>Gênero: documentário</p> <p>Manuseio da câmera: foi utilizada uma câmera, praticamente frontal. Foram usados poucos recursos expressivos, como por exemplo, o <i>zoom</i>.</p> <p>Os alunos fizeram uma migração para reportagem entrevista de televisão, mais especificamente entrevista de rua, para montar o trabalho.</p>

Análise do Vídeo-Grupo III

Linguagens Utilizadas	Roteiro/Produção
<p>Áudio: os alunos não escolheram nenhum recurso de áudio. Eles poderiam ter colocado os sons referentes aos assuntos tratados por cada entrevistado, realizando assim uma sincronia.</p> <p>Imagem: a imagem estava sincronizada com os textos e legendas, assim houve uma complementaridade. No entanto, os alunos poderiam ter colocado fotos referentes aos assuntos abordados em complementaridade às imagens.</p> <p>Texto: os alunos utilizaram somente a inserção de legenda. Também ocorreram alguns erros de grafia na legendagem.</p>	<p>Montagem: assim como o grupo II, a montagem do grupo III foi elaborada. Os alunos usaram um sistema de efeito cíclico. A produção também é linear em um sistema bem usual de televisão.</p> <p>Gênero: documentário</p> <p>Manuseio da câmera: foi utilizada uma câmera frontal. Foram usados alguns recursos expressivos, como por exemplo, <i>o zoom in zoom out e travelling</i>.</p>

Com base nas análises dos vídeos produzidos pelos grupos I, II e III, identificar às marcas culturais dos alunos que confeccionaram os vídeos se torna pertinente, pois é a partir dessas que eles se identificam e entendem outras culturas.

Nos três vídeos, pode-se observar a informalidade da fala; os alunos usam a norma coloquial para se expressarem, tanto verbalmente quanto na escrita. A informalidade também está presente nas roupas que eles vestem, uma vez que o uniforme é descaracterizado, com blusinha (meninas) e camisetas (meninos) por cima da camiseta de uniforme, a maioria usa calça jeans.

Quanto às características físicas, a maioria tem pele branca, o que pode ser um contraste com muitas escolas do Brasil. Algumas meninas que aparecem nos vídeos têm cabelo pintado, inclusive de azul, o que conota a ideia de serem “rebeldes” ou “descolados”.

A miscigenação também é perceptível, alunos com traços distintos (loiro, negro, moreno).

No espaço escolar pode-se visualizar uma típica escola, estruturada para receber alunos, com presença de cadeiras, lousas e carteiras em boas condições, bem arejada e com espaços externos como ginásio de esportes, o qual é utilizado como ponto de encontro de amigos e casais, além de sua função primeira, que seria a prática de esportes.

No que se refere às análises das produções de hipermídia dos grupos I, II e III, temos que, apesar de ter sido ensinado em sala de aula e disponibilizado

aos alunos um roteiro para produção de hipermídia, eles fizeram pouco uso desse material. Assim, é perceptível que eles utilizaram muito mais o conhecimento prévio ao invés do que foi ensinado devido ao próprio repertório de mídia que eles têm, como uma reprodução do cotidiano deles.

Para minha surpresa, após realização das análises dos vídeos, foi possível constatar que a produção de hipermídia idealizada, teorizada e ensinada por mim professora-pesquisadora para os alunos, na verdade se constitui em um produto audiovisual, e não uma hipermídia, o qual chamarei de vídeo, devido ao uso mais comum da palavra.

Em decorrência, é possível enfatizar que os alunos entendem como produção de mídias o que está vinculado ao seu cotidiano, como por exemplo, os vídeos do youtube. Ainda, vale destacar, que mesmo que fossem utilizados os softwares disponibilizados pelo Adobe Youth Voices, como o Photoshop e Adobe Premium, não seria possível a realização de uma hipermídia, uma vez que os alunos produziram o que está presente no cotidiano deles, ou seja, a narrativa não linear não está presente no cotidiano dos alunos, ao menos no aspecto de que as entrevistas foram cortadas e montadas; houve, sim, uma constante troca de cenas, lugares, pessoas, falas, que depois voltam às mesmas cenas, lugares e pessoas. Isso é não-linear, pois na vida das pessoas isso é impossível, apenas na linguagem (audiovisual) por meio das montagens, cortes e opções de narrativa dos produtores de cada vídeo.

e. Reposta escrita dos interlocutores (de Uganda)

Não foram analisadas as respostas dos interlocutores, no caso, os alunos de Uganda.

f. Entendimento do retorno (texto dos alunos sobre a resposta que receberam dos interlocutores)

Não foi feito o texto resposta dos alunos sobre as resposta dos alunos de Uganda.

g. Vídeo produzido pelos alunos de Uganda (análise do vídeo pelos alunos)

Não foram confeccionados vídeos pelos alunos de Uganda.

h. Diário de bordo

O diário de bordo é bastante rico, pois reflete a atuação e observação da pesquisadora centradas na reflexão, ação e também no local onde a coleta de dados é realizada. Nesse sentido, Fiorentini (2006, p. 112) assevera:

Um tipo especial de pesquisa participante, em que o pesquisador se introduz no ambiente a ser estudado não só para observá-lo e compreendê-lo, mas, sobretudo, para mudá-lo em direções que permitam a melhoria das práticas e maior liberdade de ação e de aprendizagem dos participantes.

Dessa forma, é importante que se registrem no diário de bordo as informações apresentadas pelos indivíduos participantes do estudo. Ainda sobre a necessidade de um diário de bordo, Fiorentini (2006, p. 119) destaca: “[...] é nele que o pesquisador registra observações de fenômenos, faz descrições de pessoas e cenários, descreve episódios e retrata diálogos. Quanto mais próximo do momento da observação for feito o registro maior será a acuidade da informação.

Assim, as observações e intervenções desse diário de bordo tiveram a pretensão de analisar os procedimentos metodológicos advindos do plano de aula, e também fazer análises dos dados a respeito da interação entre os alunos do Brasil e de Uganda.

Descrevo abaixo como ocorreram essas observações, análises e intervenções neste estudo. Apresento as anotações em uma ordem sequencial de ações e pensamentos, a partir do capítulo 4 desta pesquisa.

➤ A decisão

Em uma das orientações de estudo, meu orientador me pediu para criar um diário de bordo, pois, segundo ele, seria uma forma de olhar para o trabalho sob outra perspectiva, o que poderia auxiliar-me a entender melhor as relações que fossem traçadas neste estudo. Como primeira reação, não aceitei a ideia, achei

difícil e um tanto quanto explícito escrever o que penso, pois penso a partir de mim mesma. Entretanto, aqui estou não sei o porquê, mas, depois de alguns dias, achei que o diário de bordo seria mesmo importante para eu compreender ainda mais esse trabalho.

➤ **Pensamentos**

Hoje estou lendo e tentando escrever a respeito de algumas teses sobre metodologia. Algumas dúvidas pairam, por exemplo, quanto às perguntas da pesquisa, pois acredito que o projeto a ser proposto para os alunos será muito mais significativo do que aqueles trabalhados anteriormente. No entanto, fazer essa projeção me deixa um tanto quanto desconfortável, pois tenho muito medo de que, talvez, não alcance o objetivo proposto.

Amanhã, farei a apresentação do projeto para os alunos. Escolhi essa turma em especial por já ter trabalhado com eles outras vezes utilizando as T.E. Na aula anterior, disse a eles que iríamos começar um projeto. Eles adoraram, principalmente por saberem que havia escolhido *aquela* sala.

Decidi que o diário de bordo acompanha a ordem do plano de aula, assim, a cada procedimento trabalhado, vou observar e analisar o que se cumpriu conforme o esperado e o que poderia ter acontecido de maneira diferente. Também continuarei registrando minhas reflexões.

Resolvi que, do trabalho a ser desenvolvido com a sala, farei uma análise de três grupos. Assim, será mais fiel esse diário, pois registrar os acontecimentos de 40 alunos talvez dificulte minhas anotações, e pode ser que alguma coisa acabe por escapar.

➤ **Apresentação do projeto – 1ª aula**

Hoje é a apresentação do projeto. Cheguei às 7h15 na escola, fui até a sala deles e avisei que os estaria esperando na sala “ambiente 6” - uma sala com 40 computadores, além do computador do professor; com acesso à Internet.

Com os alunos na sala, começamos a aula. Pedi para que eles se dividissem em grupos e me passassem a relação com os nomes dos integrantes de cada

grupo. Alguns alunos estavam ausentes, pedi para que encaixassem seus nomes nos grupos.

Perguntei o que entendiam por mídia e hipermídias. Alguns alunos responderam, verbalmente, que mídia era “uma mídia” e hipermídia era “várias mídias em uma mídia”, como: som, imagem e texto. A classe concordou com as definições levantadas por seus pares. Pedi para pesquisarem na Internet em *blogs* e *websites* uma definição para hipermídia.

Primeiramente, eles fizeram a pesquisa individualmente. Depois de sete minutos, pedi que discutissem com as pessoas de seus grupos os resultados da pesquisa, a fim de que chegassem a somente uma definição do termo.

Após as discussões, um aluno representante de cada grupo apresentou sua visão.

O grupo I definiu que hipermídia era um recurso multimodal.

O grupo II definiu hipermídia como a junção de várias mídias, com interação.

O grupo III definiu hipermídia como recurso com interação e imagens, como o *video game*.

Entreguei aos alunos o roteiro para criação de hipermídia, li em voz alta a definição contida na apostila e expliquei o que é. Os alunos se mostraram atentos e entenderam, ao menos, teoricamente. Verei mais adiante, na prática.

Depois, os alunos assistiram aos filmes e comentamos a relação entre as imagens e a estética.

➤ Reflexões

Acredito que, se houvesse mostrado para os alunos o que é uma hipermídia e qual sua finalidade, teria sido muito mais eficaz do que pedir para que pesquisassem o que era, ou mesmo ter discutido antes sobre as definições.

Sobre o primeiro vídeo - o grupo I disse que não entendeu o áudio, pois estava em Inglês, enquanto a legenda era em espanhol. Para eles, seria melhor que a legenda estivesse em português. O grupo II destacou que entendeu um pouco o que estava em Inglês e achou a mensagem clara, no entanto, tais alunos declararam que não lhes foi “impactante”. Para o grupo III, o vídeo falava sobre uma realidade

que não era a deles, porém, acreditaram que o uso do desenho tornou o vídeo criativo e que a mensagem foi objetiva.

Sobre a análise do grupo I, minha intenção era a de que eles percebessem o quão importante é o interlocutor ou receptor do vídeo. Nesse caso, o vídeo não foi legendado em português porque nosso país não era o público alvo daquela produção. Quanto à análise do grupo II, achei interessante a escolha do adjetivo “impactante”. Assim, acredito que o vídeo para esse grupo não atingiu seu propósito, que era o de levar a mensagem de maneira que quem o assistisse fizesse uma reflexão sobre o tema. O vídeo para o grupo III não falava da realidade deles. Apesar de mostrar uma realidade social também brasileira, os alunos não acharam importante o tema e acharam que seria uma realidade só do México. Acharam, ainda, que não existiam pais solteiros que ficam com a guarda dos filhos, somente mães solteiras. Aqui identifico a falta de conhecimento sobre o assunto apresentado. O grupo também entendeu que o vídeo foi criativo, assim, sob o aspecto técnico, eles entenderam que o vídeo ilustrou o tema abordado.

➤ **Reflexões- segunda aula**

Durante a segunda aula, os alunos puderam escolher temas sociais e discutir sobre cada um deles. Foi interessante perceber como escolheram tópicos muito parecidos, como Violência, Saúde e Educação. No entanto, quando questionados, não tiveram certeza se as questões sociais levantadas também poderiam se aplicar a vários países.

Percebo agora que, se um professor fosse trabalhar com temas sociais, seria mais eficaz pedir primeiramente aos alunos uma pesquisa em que, por exemplo, cada grupo abordasse três questões sociais sobre temas diferentes. Assim, os alunos estariam já mobilizados para a aula, pois teriam algum tipo de informação sobre o tema, e possivelmente responderiam as questões levantadas, pois estas já estariam contextualizadas.

➤ Reflexões - terceira aula

Apresentei aos alunos temas que seriam trabalhados. Foi necessário mediar a compreensão deles a respeito dos temas, já que seriam assuntos um pouco abstratos e, talvez, os alunos pudessem sair do foco. Depois, apresentei a eles o gênero das produções: documentário.

Na apresentação do gênero, notei que a amostra de *slides* talvez não tenha sido suficiente para que os alunos entendessem as estruturas de um documentário. Outra possibilidade de trabalho seria exibir mais amostras de vídeos curtos desse gênero e, ainda, fazer antes um *brainstorming*²² sobre ele.

➤ Reflexões - quarta aula

Os alunos começaram a elaboração do *script*²³. Muitos não tinham nenhum tipo de informação sobre o que seria um script e como começar a confecção desse. Pontuei na lousa como eles deveriam fazer.

Se houvesse levado dois *scripts* para que os alunos fizessem comparações, sendo, por exemplo, um elaborado corretamente e outro de forma errada, eles aprenderiam mais rápido, e também poderiam se basear em outra produção.

Caso houvesse tempo hábil, talvez os alunos aprendessem melhor as técnicas de filmagem, e também se eles mesmos pudessem elaborar vídeos para ilustrar essas técnicas.

Quando fiz a graduação de Letras-Ingês, fiz uma atividade muito parecida, e os alunos gostaram do resultado, pois a aula na verdade foi criada pelos alunos.

²² *Brainstorming* significa, literalmente, tempestade cerebral ou tempestade de ideias. É uma atividade que serve para testar e explorar a capacidade criativa de indivíduos ou de um determinado grupo.

²³ *Script* é um roteiro que consiste em um texto com uma série de instruções escritas para serem seguidas.

➤ Reflexões - quinta aula

Na quinta aula, apresentei aos alunos um texto sobre consciência cultural. Primeiramente, foi feita uma atividade de *brainstorming* e, na sequência, eles fizeram a leitura e compreensão do texto sobre o tema.

Outra forma de trabalhar esse tópico seria a de exibir cenas de filmes que abordam a questão.

Os alunos entenderam que consciência cultural é importante para o respeito entre pessoas de nacionalidades distintas.

A apresentação dos comentários sobre Uganda seguiu crenças similares à leitura que os alunos têm desse país como; país muito pobre, com constantes guerras e problemas de gênero. Achei interessante que nenhum aluno demonstrou qualquer tipo de preconceito por saber que os alunos que vão colaborar com eles são de Uganda. Acho que isso estava só na minha cabeça. Pois, cheguei a adiar essa tarefa por receio de que os alunos depreciassem a escolha.

➤ Reflexões - sétima aula

Os alunos ficaram ansiosos para assistir às produções de hipermídia de seus pares, pois a página na Internet que criei foi disponibilizada somente a partir dessa aula para eles.

Os alunos, em resposta aos vídeos dos grupos I, II e III, não realizaram a análise esperada, ou seja, eles teriam que comentar os vídeos usando como base o “roteiro para hipermídia” que lhes foi entregue. Eles discutiram sobre questões não pertinentes à relação das linguagens presentes no vídeo e não conseguiram visualizar o que faltou de técnicas já ensinadas a eles.

Possivelmente esse fato se deve ao imediatismo, isto é, os alunos estão mais preocupados em realizar logo as atividades que surgem, para que outras que venham possam ser cumpridas tão logo, assim a experiência, dilui-se nessa pressa pelo que está por vir.

➤ **Pensamentos**

Após análise dos vídeos, fiquei surpresa ao descobrir que, os alunos não produziram as hipermídias conforme eu esperava. Os alunos utilizam seu repertório de mídia para criar os vídeos como vídeos do youtube, pouco utilizaram do conhecimento adquirido em sala de aula.

➤ **Contato com os interlocutores**

Entrei em contato com Chole no dia 02-06-13, a fim de que seus alunos assistissem, comentassem e produzissem vídeos em respostas aos dos alunos do Brasil, no entanto os alunos de Uganda estavam em férias. Após essa data, tentei falar com Chole mais duas vezes pelo facebook. Ele, informou que estava muito ocupado, que assim que possível entraria em contato comigo para o trabalho colaborativo.

➤ **Experiência**

Minha observação de pesquisadora-participante registrou vivências, medos, angústias, dúvidas, como também emoções novas, as quais me alicerçaram nessa experiência me conduzindo à construção e desconstrução de meus pensamentos. Percebi com mais clareza o processo de produção de conhecimento, tanto por parte da professora-pesquisadora, quanto por parte dos alunos. Tais conhecimentos estão pontuados nas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi motivada pelo uso das Tecnologias Emergentes no ensino comunicativo atual da Língua Inglesa, o objetivo foi investigar de que forma um projeto de Língua Inglesa poderia ser trabalhado por meio da utilização de hipermídia, contendo linguagens que se orquestram num vídeo de 5 minutos envolvendo culturas diferentes, de forma que os produtores e receptores se valessem das múltiplas linguagens para transmitir, receber e negociar significados.

Nesse sentido, este estudo tentou responder às seguintes questões de pesquisa: a) Como utilizar o meio digital/hipermídias para desenvolver uma proposta de ensino de Língua Inglesa transcultural? b) O que muda em relação às outras abordagens de Língua Adicional?

Norteadas por esses questionamentos, a pesquisa buscou inicialmente refletir a respeito do contexto das Tecnologias Emergentes, Língua Adicional e Língua Inglesa no mundo contemporâneo, e sobre quais são as atuais necessidades dos aprendizes de Língua Inglesa, como também traçar um panorama das metodologias utilizadas ao longo dos anos no ensino de Língua Adicional. No entanto, como se constatou no processo de investigação, há precariedade relativa às metodologias pedagógicas que orientem o professor na adoção de uma abordagem e contemplem, o uso das Tecnologias Emergentes no ensino comunicativo atual de Língua Inglesa. Considerando essa lacuna, o trabalho investigou o uso de uma abordagem transcultural por meio de hipermídia, de modo a ampliar o contato dos alunos com outras culturas, múltiplas linguagens e outras formas de ver o mundo, no intuito de evidenciar o que está implícito e explícito na comunicação entre os interlocutores. Nesse sentido, Peixoto (2009, p. 58) acrescenta: “pensar a experiência transcultural será abrir as percepções, os sentidos, flexibilizando nossos valores e crenças. Será poder se permitir ser tocado pelas diferentes formas de ver, sentir, pensar o mundo”.

Para tanto, foi realizado um projeto com uma turma de 40 alunos do Ensino Médio de uma escola Técnica Estadual. Entre os trabalhos elaborados, foram escolhidos 3 vídeos (de 3 a 5 minutos), confeccionados por três grupos de acordo com um roteiro para criação de hipermídia. O experimento foi feito seguindo uma metodologia de estudo de caso. Os resultados obtidos apontam a

complementaridade da hipermídia na comunicação, orquestrando as múltiplas linguagens (fala, imagem, som, texto) e a relevância de uma abordagem transcultural a qual pode ser apontada no contexto dos audiovisuais produzidos pelos alunos, os quais são culturais, mas que também têm influência de outras culturas.

No entanto, os resultados também mostram dificuldades enfrentadas pela professora para implementar essa abordagem, tais como:

✓ Visão gramatical e centralizadora do professor

Apesar do enfoque na abordagem comunicativa, se evidenciou a visão gramatical e centralizadora da professora no projeto de aula e também nas análises dos áudios visuais.

✓ Conhecimento sobre mídias digitais e linguagem pelo professor

Como já mencionado neste estudo, as T.E estão presentes no cotidiano, no entanto, como professora de outra disciplina havia muitos desafios no que concerne a um amplo conhecimento.

✓ Gerenciamento de tempo e dificuldades para contatar pessoas de outros países.

Houve contratempos com o final do primeiro semestre letivo, que dificultou o procedimento para análise de dados, e a demora do contato dos alunos de Uganda, que inviabilizou a resposta dos interlocutores sobre os vídeos produzidos.

✓ Os interlocutores dependem da boa produção dos alunos e do conhecimento de L.I e a interpretação dos valores culturais presentes nas imagens .

A grande diferença em relação às outras abordagens de ensino de Língua Inglesa é que, mediante as múltiplas linguagens contidas na hipermídia, os interlocutores dependem da boa produção dos alunos e do conhecimento de L.I para que cada signo (cores, roupas, cenário, modalidade do vídeo...) expresse a cultura deles, a qual precisa ser interpretada por pessoas de outras culturas. Assim, para que haja comunicação, as culturas precisam se entender por meio

de um esforço comunicacional, e as interpretações são uma incógnita pois são dadas a partir da cultura de cada um.

Apesar dessas limitações, as análises em relação à utilização de hipermídia em uma proposta de L.I. transcultural apontam que a hipermídia favorece a comunicação dos interlocutores por complementar as múltiplas linguagens, como também o conteúdo cultural, ou seja, os alunos são capazes de expressar melhor suas ideias em L.I e serem compreendidos dentro de seu contexto cultural. Nesse sentido, Santos (2009, p. 10) afirma: “[...] quase uma simulação do cotidiano, entendemos a hipermídia como uma linguagem que nos imita, ou, pelo menos, abre a possibilidade para vivenciarmos um mundo com ações e reações muito parecidas com as que experimentamos no dia a dia”.

Nos resultados do plano de aula, pude constatar que, embora os alunos de Uganda não tenham comentado os vídeos em tempo hábil para as análises, os alunos perceberam o uso atual da Língua Inglesa, tanto por meio da confecção de vídeos, os quais agregam várias linguagens, como também nos comentários dos alunos de Uganda, que até o término deste estudo não haviam ainda interagido na *website*, mas o projeto segue nesse sentido dos comentários dos interlocutores.

Constatou-se ainda que, embora as hipermídias não tenham sido confeccionadas seguindo fielmente o roteiro para produção, os alunos se valeram do conhecimento prévio para a atividade proposta. Perceberam que o repertório de mídia presente no cotidiano são os vídeos como do youtube, mídia que influencia sua cultura também.

Além desses resultados específicos diretamente relacionados às questões de pesquisa, o estudo teve a preocupação de oferecer a professores de língua Inglesa subsídios teóricos e práticos para o uso de uma abordagem transcultural por meio da hipermídia. A elaboração de um roteiro de hipermídia, confecção de vídeos e abordagem transcultural apontam alguns caminhos para a implementação de tal abordagem que propiciam contextos para salientar, explorar e ampliar o conhecimento de L.I. Os resultados obtidos através da análise dos vídeos indicam que esse caminho é promissor. Assim, entendo que essa é minha contribuição para a teoria e a prática do ensino de língua, com destaque para o uso comunicativo atual de Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS

- AGANBEM, Giorgio. O que é contemporâneo? In: _____. O que é contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Cleide R. S.; QUEIROZ, José. J. Pesquisar o cotidiano escolar: tarefa necessária. *Eccos*, v. 7 n.1, p. 9-20, jun. 2005. Disponível em: <http://www.uninove.br/pdfs/publicacoes/eccos/eccos_v7n1/eccos_v7n1.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- BAIRON, Sérgio. O que é hipermídia. São Paulo: Brasilense, 2011. (Coleção primeiros passos)
- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide A. de S. Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORDENAVE, Juan. E. D. O que é participação. São Paulo: Brasilense, 1983. (Coleção primeiros passos)
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. IN: MORAIS, Dênis de. (Org.) Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultura e poder. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CELANI, M. A. A. Antonieta Celani fala sobre o ensino de língua estrangeira. Nova escola online, maio 2009. Entrevista. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml> . Acesso em: 08 set. 2013
- COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias. São Paulo: Cortez, 2005.
- CRYSTAL, David. English as a global language. 2. ed. Cambridge: CUP, 2003.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139 – 154, mar, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso 10 mar. 2013.
- FIORENTINI, D. Lorenzato, S. Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FRANCO, Augusto. A rede. São Paulo: Escola de Redes, 2012 (Série Fluzz, v. 1).
- GOMES, Luiz Fernando. Hipertexto no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOMES, Luiz Fernando. Hipertextos Multimodais: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco, 2010.
- GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para as nova mídias: do game à TV interativa. São Paulo: SENAC, 2003.
- GRADINARU, Camelia. The potential role of new media in the creation of communities. *Argumentum*, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/3334596/The_Potential_Role_of_New_Media_in_the_Creation_of_Communities>. Acesso em: 27 jul. 2012

LEÃO, Lucia. O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYPOVESTSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MACHADO, Arlindo. Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, Diana (Org.). Arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Unesp, 1997.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

OLIVEIRA, Inês, B. O. O currículo no cotidiano escolar: conversa com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia. Rio de Janeiro, Brasil. Revista Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, p.112-130, jul/dez 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/oliveira-entrevista.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

OLIVEIRA, S. R. A Trip to the Moon. 2. ed. Belo Horizonte: Vigília, 1973.

PAIVA, Vera L.M.O. História do material didático. 2008. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/AnabelaBarreira1/historia-9136490>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

PEIXOTO, Paulo de T. O. Multiculturalismo, transculturalismo e heterogênesse urbana: composições da diversidade para a produção do transconhecimento. Visões n.7, p. 49-69, jul. / dez. 2009.

PETARNELLA, Leandro. Escola analógica, cabeças digitais: o cotidiano escolar frente às tecnologias midiáticas e digitais de informação e comunicação. Campinas: Alínea, 2008.

PONTE, J. P. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? Revista Iberoamericana de Educación, Madrid, n. 24, p. 63-90, set./dez. 2000. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/800/80002404.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

RECUERO, Raquel. Teoria das redes e redes sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In: INTERCOM, 27, Porto alegre, RS. set. 2004. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2012.

REGO, Izabel M. S. Incorporação das novas tecnologias na aula de língua espanhola: possibilidades e dificuldades encontradas na produção de um texto publicitário. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, , Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?Code=00076176>>. Acesso em: 07 abr. 2012.

SANTAELLA, Lucia. As linguagem como antídoto ao midiacentrismo. Matrizes, n. 1, p.75-98, 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/matrizes/img/01/Dossie5LuciaSantaella.pdf>>. Acesso em: 09 jan.2009.

SANTAELLA, Lúcia. Como eu ensino: leitura de Imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Moyses M. Diversidade cultural, educação e transculturalismo crítico: um rascunho inicial para discussão de cadernos de estudos sociais. Recife, v. 25, n. 1, p. 97-106, jan./jun., 2010 (resenha)

SANTOS, José L. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção primeiros passos)

SANTOS, Rogério. Hiperanálise: a estrutura hipermediática da construção do conhecimento. 2009. Biblioteca digital PUC. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=8418&processar=Processar>. Acesso em: 8 maio 2012.

SIQUEIRA, Fabio, et al. Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SYNDER, Ilana. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. Educ. rev. v.26, n.3. Belo Horizonte, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-46820100003&lng=pt&nrm>. Acesso em: 20 abr. 2012.

VINEY, Brigit. The history of the English language. Oxford University Press 2003.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA PRODUÇÃO DE HIPERMÍDIA

Roteiro para Produção de Hiperfídia



Objetivo: Entender as etapas no processo de criação de hiperfídia

❖ Pesquisa no laboratório- Introdução a hiperfídia

Pesquise nos buscadores (google), blogs e/ou sites da Internet uma definição para hiperfídia.

❖ Introdução à hiperfídia- o que é hiperfídia

Hiperfídia é uma produção de comunicação que agrega várias Linguagens (verbal, escrita, som e imagem), a qual tem como centralidade a imagem, essas imagem são conectas por meio de *links*, permitindo ao usuário uma leitura não linear.

❖ Relações entre as linguagens (técnica e mensagem) na hiperfídia

Amostra de vídeos feitos por alunos participantes da *Adobe Youth Voices* para análise.

1º vídeo: http://www.youtube.com/watch?v=R660_oj4w84

2º vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=5hpxYiWA1Bg>

3º vídeo: http://www.youtube.com/watch?v=QUSk_-0xEaI

Discussão em grupo sobre a técnica e linguagem utilizadas nas produções acima.

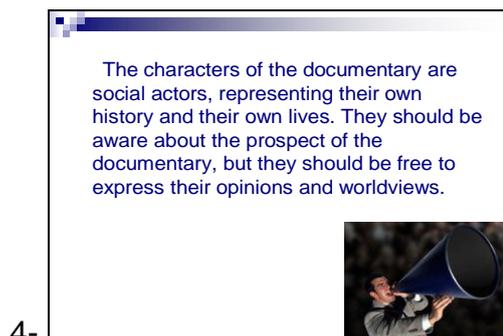
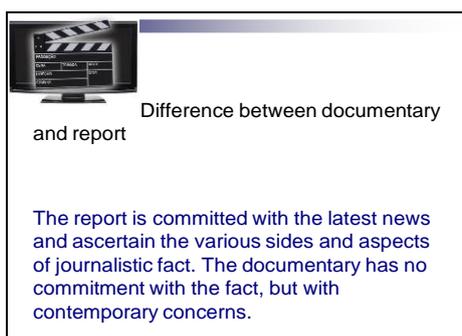
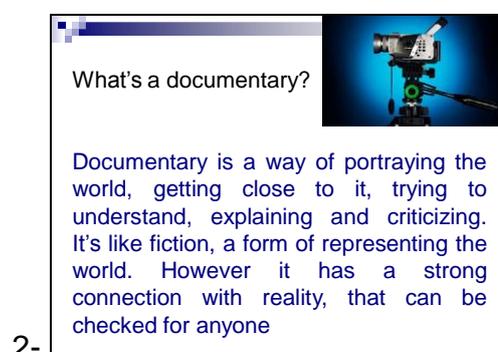
❖ Tema para as produções de vídeo dos alunos

Temas a serem trabalhados; o que é felicidade e coisas impossíveis

- 1- Discussão em grupo
- 2- Mediação do professor

❖ Gênero das produções de vídeo dos alunos

Apresentação das características do gênero documentário (slides)



5- Seeking authenticity is the essential concern of a documentary and naturalness of its characters in situations in which they are living or speaking.



6- The narrative does not necessarily have to be linear, nor follow chronologies, but it has to be structured with a beginning, middle and ending since the exposure of the subject until its conclusion. The commitment of the documentary is to tell a story, a true story.



Vídeo produzido por alunos participantes da *Adobe Youth Voices*, gênero documentário. Disponível em: <<http://tv.adobe.com/watch/adobe-youth-voices/a-voice-for-orphans/>>. Acesso em: 09 maio 2013)

Referências para consulta complementar

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Document%C3%A1rio>>. Acesso em: 09 maio 13)

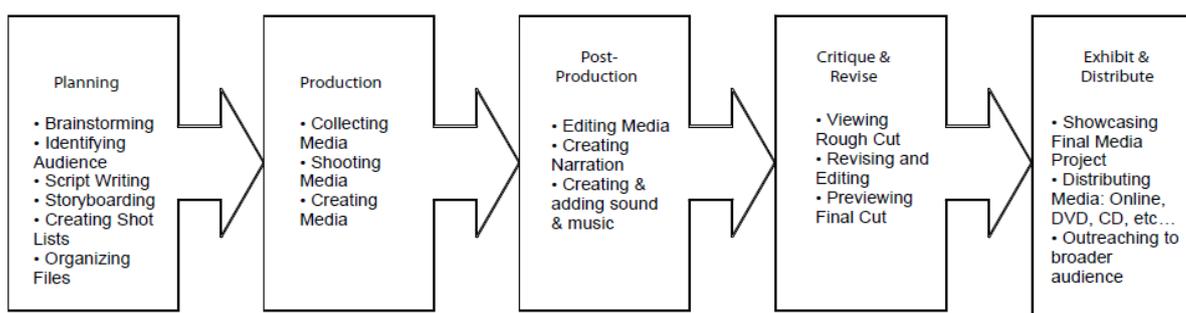
<<http://lazer.hsw.uol.com.br/documentario.htm>>. Acesso em: 09 maio 13)

<<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/camera-na-mao-boas-ideias-cabeca-530166.shtml>>. Acesso em: 09 maio 13)

❖ Tempo de duração das produções de vídeos dos alunos

Tempo de duração para as produções de vídeo a serem realizadas pelos alunos - de 3 a 5 minutos. (vídeo editado).

❖ Passos para produção de vídeos, baseados no material do curso da Adobe Youth Voices



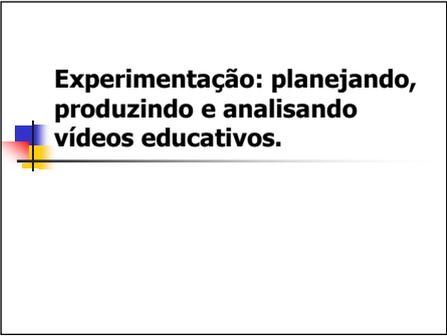
❖ Planejamento- passo a passo para produção de vídeos

Pré-produção- planejamento

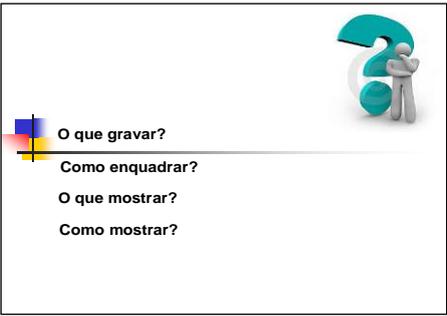
- 1- Brainstorming: levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre os temas escolhidos através de elicitación oral.
- 2- Identificação do público alvo: Para quem? Jovens, crianças ou adultos?
- 3- Elaboração do script: Elaboração do projeto através de um plano bem detalhado sobre suas futuras ações.
- 4- Storyboarding: Como o script, porém com o uso das imagens
- 5- Criação da lista de filmagem:
- 6- Organização de arquivos

❖ Uso da Câmera

Como manusear a câmera. Técnicas para filmagem (slides)

- 1- 

Experimentação: planejando, produzindo e analisando vídeos educativos.
- 2- 

Câmera é objeto portátil, extensão mais versátil, sensível e perspicaz do olho humano.
- 3- 

O que gravar?
Como enquadrar?
O que mostrar?
Como mostrar?
- 4- 

Fazer vídeo:
O plano delimita o que deve aparecer no enquadramento

5-

Onde pôr a câmara?
Onde começa/acaba o plano?

Por que uma imagem e não outra?

Qual o momento e a razão de substituir um plano por outro?

6-

Plano e contra-plano

Movimentação da câmara

7-

TRAVELLING: A câmara pode movimentar-se, aproximando ou afastando, tanto na lateral quanto na diagonal ou frontal.

PAN (PANORÂMICA) ou PAN HORIZONTAL: Quando a câmara gira em um eixo paralelo ao plano do filme. Neste caso, horizontalmente.

TILT ou PAN VERTICAL: Descreve um objeto, um prédio, uma pessoa no sentido vertical, ele pode ser usado de cima para baixo, ou de baixo para cima, dependendo da intenção da descrição.

8-

DOLLY: Apenas o objeto se move. A câmara permanece sem movimento.

ZOOM OUT: Leva a imagem próxima para longe.

ZOOM IN: Traz a imagem distante para bem próxima

9-

Angulação da câmara

10-

	Plano Geral	
		Plano Médio
Plano Americano		Primeiro Plano
Primeiríssimo Primeiro Plano (Close)		Plano Detalhe

11-



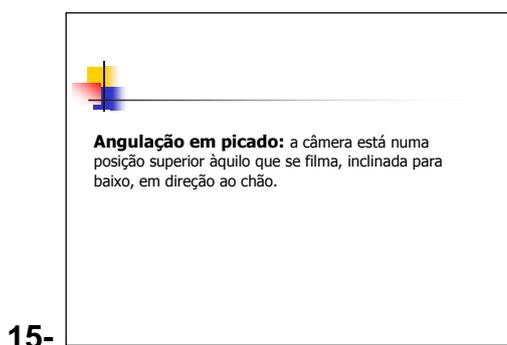
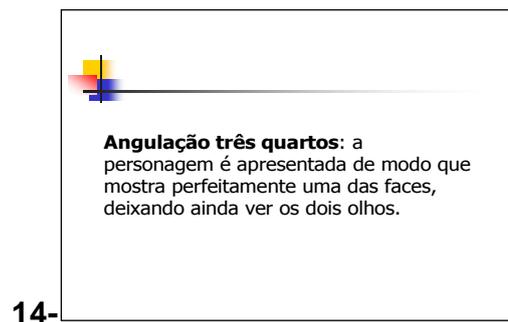
Quando você muda o modo de observar as coisas, as coisas que você observará mudam!

O **ÂNGULO DE VISÃO** ou **ANGULAÇÃO** é o ponto de vista ou de observação a partir do qual é captada pelos olhos ou pela objetiva uma determinada cena.

12-

Tipos de ângulos

Angulação normal: vai desde o nosso ponto de observação à linha do horizonte, pretendendo comunicar diretamente com o espectador.



❖ Consciência Cultural (*Cultural Awareness*)

“The world we have created is a product of our thinking; it cannot be changed without changing our thinking.” Albert Einstein

- 1- *Brainstorming* - discussão verbal da citação acima.
- 2- Assistir ao vídeo produzido por alunos participantes do *Adobe Youth Voices*- “Ethnic Identity | Nontraditional Soup” Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OmD5grIMqTg>>.
- 3- Discussão verbal em grupos sobre o conteúdo do vídeo.
- 4- Leitura instrumental- Trechos do texto: *Why global awareness matters to schools?*

The popular comprehensive school just outside Cambridge is one of the pioneers of the International Baccalaureate in the UK and its sixth form attracts

young people from all over the world. This year, 57 overseas students have signed up for the two-year IB diploma programme making the school's international sixth form centre seem more like a mini United Nations than a traditional English state school.

Their presence, says Impington principal Robert Campbell, is invaluable because it enables the school's home-bred students to benefit from a wide range of cultural perspectives they would not be exposed to otherwise.

Three-quarters of businesses also think the UK is in danger of being left behind other countries unless young people think more globally and are worried that many young people's horizons are not broad enough for them to operate in a globalised and multi-cultural economy.

The vast majority of businesses believe schools should help young people to think more globally and four out of every five believe schools should be doing more.

Significantly, twice as many business leaders rate knowledge and awareness of the wider world as an important skill as ability to speak a foreign language. While they still regard language skills as important it is the 'soft' skills of cultural awareness and understanding global issues that are particularly valued.

"Because we live in such a globalised world today our mission should be to ensure every young person in school feels more confident and able to live in that world," says Tom Franklin, Think Global chief executive.

There are many other reasons why schools are taking up the global awareness agenda. Some use it to promote tolerance and an appreciation of different beliefs, cultures and backgrounds while others use it to give their pupils an understanding of emerging industries and opportunities for training potential future leaders.

Fonte: Jornal eletrônico "The Guardian". Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/teacher-network/2012/nov/05/global-awareness-schools-education>>. Acesso em: 16 maio 2013)

5 - Compreensão de texto - *Reading Comprehension*

a) *What's the genre of this text?*

b) *What's the main purpose of the text?*

c) *Why are the schools and majority business in England concerned about this topic?*

d) What are the advantages of being aware of a foreign culture? What are the disadvantages?

e) Do you agree with the text? Why? Why not?

❖ **Pesquisa (*homework*)**

Individualmente pesquise sobre o país dos alunos que irão fazer o trabalho colaborativo de vídeos que serão produzidos. Pesquise sobre as comidas típicas, esportes, culturas e curiosidades sobre aquele país.

Depois, compartilhe os resultados com o seu respectivo grupo e entregue para a professora somente uma produção escrita com a contribuição de todos do grupo sobre os temas tratados.